



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
– CAMPUS CABEDELO
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO

Pole Dance em tirinhas: quadrinhos que apresentam a prática em meio a uma sociedade machista e a relação das mulheres com o corpo

MARIA LUISA SOUZA MENDES

CABEDELO
2021

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
– CAMPUS CABEDELO
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO

Pole Dance em tirinhas: quadrinhos que apresentam a prática sob a visão de uma sociedade machista e a relação das mulheres com o corpo

MARIA LUISA SOUZA MENDES

Projeto apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) - Campus Cabedelo, como requisito obrigatório para conclusão do curso superior em Design Gráfico.

Orientador (a): Prof. Dr. Daniel Lourenço

CABEDELO
2021

Dados Internacionais de Catalogação – na – Publicação – (CIP)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB

M538p Mendes , Maria Luisa Souza.

Pole dance em tirinhas: quadrinhos que apresentam a prática em meio a uma sociedade machista e a relação das mulheres com o corpo/ Maria Luisa Souza Mendes. - Cabedelo, 2021.

102 f.: il. Color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Design Gráfico). – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Lourenço.

1. Histórias em Quadrinhos,. 2. Tirinhas. 3. Pole Dance,. 4. Mulheres.
I. Título.

CDU: 741.5

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO

Hoje, dia 27 de abril de 2021, às 16h, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) - Campus Cabedelo, por meio de webconferência pela plataforma *Google Meet*, presente a Comissão Examinadora integrada pelos(as) Professores(as) Prof. Dr. Daniel Alvares Lourenço, Prof^a. Dr^a Renata Amorim Cadena e Prof. Me. Wilson Gomes de Medeiros iniciou-se a Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico do(a) aluno(a) **Maria Luísa Souza Mendes**, Matrícula 20151701020, intitulado '**Pole Dance em tirinhas: quadrinhos que apresentam a prática em meio a uma sociedade machista e a relação das mulheres com o corpo**'. Concluída a apresentação, arguição e defesa oral do TCC, conforme disposição no Regimento do IFPB - Campus Cabedelo, procedeu-se ao julgamento na forma regulamentar, tendo a Comissão Examinadora considerado o(a) candidato(a) **aprovado** com a média **100 (cem)**.

Encerrada a sessão, foi lavrada a presente ata que vai acompanhada das notas de cada examinador(a), e assinada pela comissão julgadora.

Cabedelo/PB, 27 de abril de 2021.

A Comissão Examinadora

Prof. Dr. Daniel Alvares Lourenço	Nota:100 (cem)
Prof ^a . Dr ^a Renata Amorim Cadena	Nota:100 (cem)
Prof. Me. Wilson Gomes de Medeiros	Nota:100 (cem)

NOTA REGIMENTAL:- Será considerado habilitado no TCC o candidato que obtiver a média maior ou igual a 70 (setenta);

- A emissão de parecer final dos examinadores poderá ser condicionada à efetivação de formulação necessária que não implique em alteração fundamental ao TCC;

- O documento com as reformulações deverá ser entregue à Comissão Examinadora/Coordenação do curso no prazo de 30 (trinta) dias sob pena de ser cancelada a defesa;

- Em caso de excepcional qualidade ou originalidade o TCC poderá merecer a menção honrosa da Instituição.

Documento assinado eletronicamente por:

- **Wilson Gomes de Medeiros**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 27/04/2021 18:14:24.
- **Daniel Alvares Lourenco**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 27/04/2021 17:04:05.
- **Renata Amorim Cadena**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 27/04/2021 17:00:31.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 26/04/2021. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 179442

Código de Autenticação: d1a06d1372



RESUMO

Este trabalho apresenta discussões sobre a percepção da figura feminina no *pole dance*, de aspectos individuais como benefícios da prática, até aspectos sociais como a marginalização da atividade e crivos sociais que as polerinas enfrentam devido a contextos históricos patriarcais presentes na nossa sociedade. Essa discussão fundamenta o desenvolvimento prático de cinco tirinhas que retratam situações presentes na realidade das *pole dancers*. A fundamentação teórica percorre da origem do *pole dance* até a sua relação com o feminismo e discussão de problemáticas desencadeadas pelo machismo. A partir desse ponto apresentamos a importância dos movimentos feministas e marcos históricos, além da relevância do design gráfico e exemplos de peças gráficas que colaboraram com pautas feministas. Para a contextualização do desenvolvimento das tirinhas, são apresentadas a história das histórias em quadrinhos, seus diversos gêneros, exemplos de artista da época e o feminismo nesse meio. Utilizando a metodologia de pesquisa qualitativa, foi aplicado um questionário para mulheres que praticam *pole dance*, a fim de coletar relatos de experiências vividas por elas para além de validar as discussões levantadas, também inspirar a criação dos roteiros das histórias. A elaboração das tirinhas utiliza metodologias da bibliografia de Scott McCloud, aplicando técnicas de criação de histórias em quadrinhos adaptado ao formato das tirinhas, sendo todo o processo documentado. O trabalho é concluído com a apresentação do resultado das peças produzidas, conforme as etapas mostradas no decorrer do desenvolvimento.

Palavras-Chave: Histórias em Quadrinhos, Tirinhas, Mulheres, Pole Dance, Feminismo, Design Gráfico

ABSTRACT

This work aims discussions about the perception of the fame figure in pole dance, from individuals aspects as benefits of the practice, to social judgments and stigma that the polderinas face due to patriarchal context present in our society. This discussion is the basis for the practical development of five comics strips that picture the situations present in the life of pole dancers. The theoretical foundation goes from the origin of issues triggered by the patriarchy. From this point on, we present the significance of feminist movements and historical landmarks, beyond the relevance of graphic design and examples of graphic pieces that collaborated with feminist agendas. For the contextualization of the development of the comics strips, we present the history of comics, their different genres, artists examples and the relation with feminism. Using a qualitative research methodology, a questionnaire was applied to women who practice pole dance, in order to collect data of experiences lived by them, to validate de present discussions, also inspiring the creation of story scripts. The development of the comic strips uses methodologies from Scott McCloud's bibliography applying comics creation techniques adapted to the comic strips format. The entire process of the development is documented in the last chapter with the presentation of the results. This paper finished with de presentation of the results, according to the steps shown during the development process.

Key-wods: Comic books, Comic strips, Women, Pole Dance, Feminism, Graphic Design

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao meu professor e orientador Daniel Lourenço, por toda a atenção, dedicação e apoio no desenvolvimento deste trabalho; um ser humano e educador exemplar, que busca entender os seus alunos. Sem o seu suporte nada disso seria possível.

Aos professores do colegiado do curso de design gráfico por compreender as limitações dos alunos e por acatar as mudanças dos prazos de entrega dos trabalhos de conclusão de curso devido as circunstâncias.

À minha família, em especial a minha mãe por ter apoiado as minhas decisões nessa nova fase que foi ingressar no curso de design gráfico; a minha tia Tati que mesmo com a distância sempre esteve por perto; e aos meus avós por tudo na vida.

A minha amiga Jacque, por me encorajar sempre, por estar presente sempre que eu preciso, e por ser uma das melhores pessoas da minha vida.

Ao meu companheiro Paulo, pelo amor, incentivo e apoio de todas as formas, o seu amparo foi essencial para a conclusão dessa etapa.

Às *pole dancers* participantes do questionário dessa pesquisa, pela colaboração nessa fase do projeto, sendo essenciais para o desenvolvimento das tirinhas desse trabalho.

À todos que contribuíram de alguma forma para a realização desse projeto, direta ou indiretamente.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Prática indiana Mallakhamb.....	11
Figura 2 - Mastro Chinês.	12
Figura 3 - Hoochi Coochi.	12
Figura 4 - Diagrama de Venn.....	16
Figura 5 - Mulheres executando acrobacias em uma aula de pole sport/fitness.....	19
Figura 6 - Pole dancer Maddie Sparkle durante uma apresentação de pole sensual.	20
Figura 7 - <i>Pleaser</i> , sapato de salto utilizado em algumas modalidades de pole dance...	20
Figura 8 - Pole Dancer Vika em uma pose de uma coreografia de pole exótico.	21
Figura 9 - Pole dancer Kira Noire em uma pose de uma coreografia de floorwork.	21
Figura 10 - Pole dancer Maria Paula interpretando lago dos cisnes na categoria de pole dance art da competição Arnold em 2018.	22
Figura 11 - Mulheres sufragistas com cartazes escrito “voto” em setembro de 1924. ..	28
Figura 12 - Mulheres brasileiras votando em 1932.....	29
Figura 13 - Cartaz de movimento feminista da segunda onda, escrito: “Irmãs! Questionem todos os aspectos de nossas vidas. Reconheçam + lutem contra a opressão cotidiana”.....	31
Figura 14 - Quadrinho escrito: “Se seu feminismo não é gordo-positivo, antirracista, ..	33
Figura 15 - Grupo Chicaco Women’s Graphic.	34
Figura 16 - Dois cartazes de Chicago Women’s Collective (Reprodução).	36
Figura 17 - Arte Gráfica Guerrilhas Girls 1989 (Reprodução).....	37
Figura 18 - Cartaz de Barbara Kruger, escrito: “O mundo é pequeno, mas não se você tiver que que limpá-lo” (Reprodução).	38
Figura 19 - Ilustração de Carol Rossetti.....	39
Figura 20 - Ilustração Camila Rosa que aborda o amor-próprio e a fuga dos padrões de corpo.	40
Figura 21 - Bia Sabiá, de Ciça. 1976.....	41
Figura 22 - Olga, a sexóloga (Tirinha de Thais Gualberto).....	42
Figura 23 - Tirinha de Carol Ito.....	43
Figura 24 - Pintura rupestre em Peruaçu- Minas Gerais.	44
Figura 25 - Pintura rupestre da toca do Pajaú no Piauí.....	45
Figura 26 - Caricatura Vitor Hugo. Honoré Daumier, 1849.	46
Figura 27 - The Yellow Kid, OUTCAULT, 1895.....	47
Figura 28 - The Little Bears, SWINNERTON, 1892.	48
Figura 29 - Quadrinho As aventuras de Nhô Quim ou Impressões de uma viagem à Corte, de Angelo Agostini.....	49
Figura 30 - Quadrinho As Aventuras de Zé Caipora, de Angelo Agostini	50
Figura 31 - Exemplo de Charge referente a Pandemia de covid 19 em 2020, Bruno Galvão.	52
Figura 32 - Exemplo de Cartum, Mafalda.....	52
Figura 33 - Capa da graphic novel Maus.	53
Figura 34 - Página do mangá Rurouni Kenshin.....	54
Figura 35 -História em quadrinhos Turma da Mônica.....	55
Figura 36 - Tirinha cômica em quatro quadros. Manticori,2020.....	56
Figura 37 - Tirinha seriada. Gabriel Dantas, 2020.	57
Figura 38 - Tirinha cômica seriada. Paulo Moreira 2020.....	58
Figura 39 - Tirinha de Paulo Moreira, 2020.....	59
Figura 40 - Sequência de quadrinho da série de tirinhas “Confinada”.	60

Figura 41 - Capa da HQ Mulher-Maravilha, 1942.....	61
Figura 42 - Brenda Starr, 1940.	62
Figura 43 - Pirâmide de Estilos de Scott McCloud.....	73
Figura 44 - Model Sheet da Personagem Aninha.	74
Figura 45 - Model Sheet Tatá.	75
Figura 46 - Model Sheet Lu.	76
Figura 47 - Distinção visual entre as três personagens principais.....	77
Figura 48 - Da esquerda para direita expressões faciais das personagens, Aninha, Lu e Tatá.	77
Figura 49 - Traços Expressivos Aninha	78
Figura 50 - Traços Expressivos Tatá.....	79
Figura 51 - Traços Expressivos Lu	79
Figura 52 - Tirinha sobre assédio.	81
Figura 53 - Tirinha Desvalorização	83
Figura 54 - Tirinha Feminilidade.....	85
Figura 55 - Tirinha Empoderamento	86
Figura 56 - Tirinha Gordofobia	88
Figura 57 - Modelo RGB	89
Figura 58 - Círculo Cromático Programa Procreate – Cores Análogas	90
Figura 59 - Círculo Cromático Programa Procreate – Tom iluminado vs Cor base.....	90
Figura 60 - Círculo Cromático Programa Procreate – Cor Complementar	91
Figura 61 - Resultado da Paleta de Cores Final.	91
Figura 62 - Paleta de Cores de Pele e Cabelo das Personagens.	92
Figura 63 - Tirinha Assédio	93
Figura 64 - Tirinha Desvalorização	94
Figura 65 - Tirinha da Feminilidade	95
Figura 66 - Tirinha Empoderamento	96
Figura 67 - Tirinha Gordofobia	97

LISTA QUADROS

Quadro 1 - Perguntas do Questionário (do nº 6 ao 13)	66
Quadro 2 - Roteiro da tirinha sobre Assédio	81
Quadro 3 - Roteiro da tirinha sobre desvalorização	82
Quadro 4 – Roteiro da Tirinha sobre Feminilidade	84
Quadro 5 - Roteiro da Tirinha Empoderamento	86
Quadro 6 - Roteiro da Tirinha sobre Gordofobia	88

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	11
1.1	Delimitação do tema	15
1.2	Objetivos	16
1.2.1	Objetivo geral	16
1.2.2	Objetivos específicos	17
1.3	Justificativa	17
2.	POLE DANCE, SUAS VERTENTES E A FIGURA FEMININA	18
2.1	Os tipos de <i>Pole Dance</i>	18
2.2	Apresentação do <i>Pole Dance</i> e a sua relação com a figura feminina	22
2.3	<i>Pole Dance</i> como forma de expressão do feminismo	23
2.4	O Preconceito e o Machismo na prática do <i>Pole Dance</i>	24
3.	FEMINISMO E SUAS RELAÇÕES COM DESIGN GRÁFICO	26
3.1	Alguns movimentos feministas importantes da história	26
3.1.1	Primeira onda feminista	27
3.1.2	Segunda onda dos movimentos feministas	29
3.1.3	Terceira onda e o feminismo na contemporaneidade	32
3.2	Análise de como o Design Gráfico contribui como ferramenta para o movimento feminista	34
3.3	Peças gráficas produzidas pelo movimento feminista: um breve relato	36
4.	HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	44
4.1	A História e o surgimento da arte sequencial	44
4.2	A cronologia das HQ's a partir dos primeiros exemplares e grandes marcos	46
4.3	Os tipos de quadrinhos e como diferenciá-los.	51
4.4	Tirinhas em Quadrinhos e suas diferentes funções	58
4.4.2	Os quadrinhos fundamentados na temática do feminismo	60
5.	METODOLOGIA	64
5.1	Metodologia de Pesquisa	64
5.2	Metodologia Projetual: Escolha da metodologia	65
5.3	Passos metodológicos	66
5.4	Desenvolvimento das Tirinhas	68
5.4.1	Elaborando o Roteiro: uma discussão sobre o resultado dos questionários....	68
5.4.2	Criação das Personagens	72
5.4.2.1	História e apresentação das personagens	74
5.4.2.2	Distinção Visual e Traços Expressivos	77

5.4.2.3	Desenvolvimento do Roteiro e Layout.....	80
5.4.2.4	Cores e arte final.....	89
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
7.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	99

1. INTRODUÇÃO

O *Pole Dance* é uma prática atualmente caracterizada por possuir elementos de dança, esporte e acrobacias, utilizando de uma barra metálica vertical. Em 2009, Holland e Attwood já afirmavam que o *Pole Dance* como exercício (*pole fitness*) tornou-se uma atividade física popular crescente, particularmente entre jovens mulheres. Atualmente, em 2020, podemos confirmar que o crescimento é bastante significativo, ocupando espaços em estúdios por inúmeras cidades do mundo, e também se tornando um dos 6 novos esportes em teste para as olimpíadas de Tokyo, o que fará com que o *Pole Dance* seja não apenas aceito como um esporte, mas também reconhecido e competido como um esporte olímpico, segundo a Associação Internacional de *Pole Dance* (IPDFA).

A sua história é um misto de experiências de diversas culturas, sendo sua origem provinda do oriente, através de duas modalidades: (1) o Mallakhamb¹, prática indiana que consistia em performar malabarismos em um poste grosso de madeira, praticado somente por homens; (2) outra modalidade provinda da china, eram escalados postes de até nove metros de altura em circos, conhecido como Mastro Chinês, tornou-se popular no ocidente através das performances do circo imperial chinês.

Figura 1- Prática indiana Mallakhamb.



Fonte: Gaia Pole

Disponível em: <https://news.gaiapole.com/historia-do-pole-dance/>

Acesso em: 15 de novembro de 2020.

¹ Palavra de origem híndi, onde malla = homem de força, ginasta e khamb = poste.

Figura 2 - Mastro Chinês.



Fonte: Gaia Pole.

Disponível em: <https://news.gaiapole.com/historia-do-pole-dance/>

Acesso em: 15 de novembro de 2020.

De acordo com a Associação Internacional de *Pole Dance Fitness* (IPDFA), como resultado da época e ocidentalização da prática no século XX, originou-se uma nova modalidade aliando o aspecto físico das atividades citadas e o teor sensual da dança do ventre no Oriente Médio.

Grupos de mulheres denominados “*Hoochi Coochi*” organizavam feiras itinerantes pelos Estados Unidos no período da guerra como forma de entretenimento enquanto dançavam nos postes que sustentavam suas tendas. No entanto, essas apresentações assumiram uma conotação sexual, o que resultou na sua propagação em cabarés, juntamente ao *striptease*². (IPDFA apud ACHÔA, 2019 p. 25).

Figura 3 - Hoochi Coochi.



Fonte: Gaia Pole.

Disponível em: <https://news.gaiapole.com/historia-do-pole-dance/>

Acesso em: 15 de novembro de 2020.

A transição do *Pole Dance* dos bares e cabarés para salas com instrutores em estúdios no ocidente, se deu através da pioneira Fawnia Dietrich, que na década de 90 ainda como *stripper* descobriu que não havia um lugar destinado a quem tivesse interesse em aprender a modalidade, sendo assim, motivada pelo seu amor a prática e

² *Striptease*: Palavra inglesa que denomina o ato no qual uma pessoa se despe completamente para outras, geralmente envolvendo dança.

a vontade de transmitir seu conhecimento, deu início a primeira escola do mundo de *Pole* sensual, produzindo também o primeiro DVD de *Pole Work*, apresentando o *pole* em sua versão *fitness* (MWPDP, Midwest Pole Dancing).

Hoje é possível encontrar ramificações de modalidades, sendo cada uma com suas características e objetivos distintos: o *pole sport/fitness*, *pole* sensual/exótico e o *pole* arte são as principais, os quais serão abordados no decorrer da pesquisa. Vários países criaram delegações, federações e associações oficiais que contribuem para a propagação e reconhecimento a nível nacional e internacional, em eventos e competições. Com essa difusão, nota-se que homens também começaram a se interessar mais pela prática, antes apenas estimulada por mulheres, transformando mais ainda o estigma social que o *pole dance* traz em sua bagagem.

Embora seja perceptível tamanha popularização, através de outro ponto de vista é notório que há muito a ser feito para que o *Pole Dance* sobressaia aos preconceitos ainda enfrentados. Há um padrão majoritariamente heteronormativo³ na sociedade, decorrente de uma história que confere ao homem lugar de poder e tomada de decisões, que define certos posicionamentos sociais, de acordo com gêneros. No entanto, aliadas ao crescente fomento do movimento feminista, as mulheres encontraram no *pole dance* uma oportunidade de expressão corporal e individual (ACHÔA, 2019)

Através do conhecimento da luta feminista contemporânea, as mulheres tomam consciência de si e das injustiças vividas por elas. Chimamanda (2012) argumenta em seu livro “sejam todos feministas”, que ensinamos as meninas a sentir vergonha da condição feminina, ditando como devem agir e pensar, transformando-as em mulheres incapazes de expor seus desejos sem culpa. Sendo esse apenas um dos pontos a ser explorado no feminismo, o *pole dance* pode entrar como um grande aliado as mulheres, trazendo outra visão de si mesmas e mais confiança para lidar com questões externas.

Um discurso que vem ganhando mais visibilidade devido a movimentos feministas é a autoaceitação feminina, o qual tem como ponto principal trazer para as mulheres uma visão mais positiva dos seus corpos e de si mesmas, uma forma de quebrar o que está enraizado na sociedade, padrões de como a figura feminina deve ser, agir e parecer. Wood-Barcalow et al. (2010) descreve a autoaceitação sob um ponto de vista

³ Termo usado para descrever situações nas quais orientações sexuais diferentes da heterossexual são marginalizadas, ignoradas ou perseguidas por práticas sociais, crenças ou políticas, também agregando o conceito de definir padrões e normas de comportamento entre gêneros na sociedade.

positivo do corpo permitindo indivíduos a apreciar a beleza e a função de seus corpos únicos, aceitando e admirando seu corpo, sentindo-se bonita e confiante.

Em sua pesquisa Dimler et al (2017) “*I kinda feel like wonder woman*”, faz uma análise de campo em que apresenta como aulas de pole dance podem enfatizar a expressão sexual nos movimentos, porém esse aspecto não deveria ser visto como algo negativo, sendo um momento de autoconhecimento e respeito ao seu corpo, e também um espaço para absorverem todos os atributos físicos e psicológicos que se adquire ao praticar a modalidade.

A necessidade de difundir os resultados dessa pesquisa, atrelado a finalidade de tornar acessível ao público geral, atingindo não apenas a quem pratica a modalidade, resultou na escolha de utilizar histórias em quadrinhos como meio de expor as situações que aqui serão discutidas.

Este projeto, baseado em pesquisas e coleta de relatos de *polerinas*⁴, através da criação de tirinhas, apresenta como finalidade demonstrar tanto as situações que mulheres vivenciam ao praticar *pole dance*, quanto as mudanças individuais em relação a sua autoestima por exemplo. Sendo assim, iremos expor os benefícios e, também, a desmistificação da atividade, tratando dos bloqueios e desencorajamento que a sociedade, muitas vezes preconceituosa e machista pode causar nesse processo.

As histórias em quadrinhos, desde seus primórdios, possuem como essência retratar hábitos humanos, situações e acontecimentos reais ou fictícios, abrangendo ao longo da sua evolução diversos formatos, linguagens, e estilos, possuindo a finalidade de interagir com o leitor, estimulando diversas reações.

Para Ramos (2010, p. 20), “as histórias em quadrinhos são um hipergênero, ou seja, um grande “guarda-chuva” que engloba outros gêneros, cada um com suas peculiaridades, como as charges, os cartuns, as tirinhas etc.” Sendo as tirinhas, um gênero textual amplamente conhecido e divulgado nos mais diversos suportes. Podemos encontrá-las em jornais, revistas, revistas em quadrinho (HQs), internet, dentre outros.

Apesar das tirinhas geralmente possuírem forte conotação humorística, também encontramos seu lado crítico, Grice (2013) afirma:

As tirinhas são por via de regra produzidas com o objetivo de construir humor e levar o leitor ao riso – e, por vezes, com o intuito de crítica e

⁴ Termo originado pela aglutinação das palavras *pole* e *bailarina*. Que se refere à mulher que pratica *pole dance*.

reflexão social embutido nesse humor –, as tirinhas podem ser analisadas pela perspectiva da Pragmática Conversacional (GRICE apud LEÃO, 2013, p. 64).

Embora o seu principal aspecto envolva o humor, as tirinhas se desenvolveram de forma a abranger outros diversos estilos de linguagem. Atualmente encontramos ilustradores que desenvolvem tirinhas sem limitar-se apenas a veia humorística. Alguns destes artistas e seus trabalhos serão apresentados no decorrer da pesquisa.

A escolha do gênero também foi baseada no tempo disponível para o desenvolvimento deste trabalho, além dos resultados obtidos através do questionário, em que a representação desses relatos se adequa melhor a esse formato. Dessa maneira, foi definida a criação de cinco tirinhas que retratam situações experienciadas por *pole dancers*.

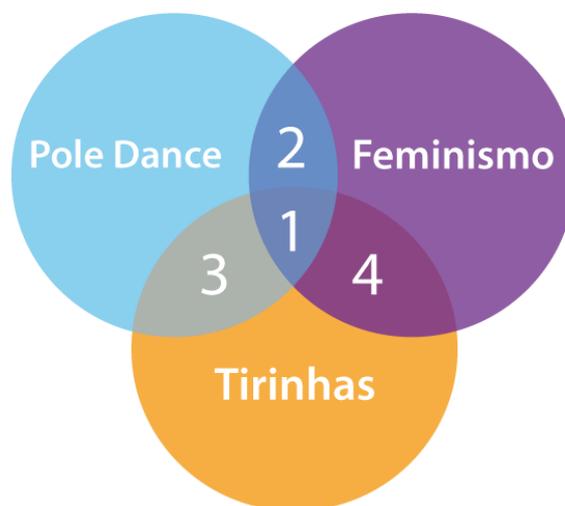
1.1 Delimitação do tema

A partir do estudo de métodos para pesquisa de Marconi e Lakatos (1985, p.157), o qual define que,

Desde que se tenha tomado a decisão de realizar uma pesquisa, deve-se pensar na elaboração de um esquema que poderá ser ou não modificado e que facilite a sua viabilidade. O esquema auxilia o pesquisador a conseguir uma abordagem mais objetiva, imprimindo uma ordem lógica do trabalho.

O modelo esquemático a seguir foi desenvolvido:

Figura 4 - Diagrama de Venn



1. Tirinhas como ferramenta para explanação de críticas sociais;
2. O Pole Dance como forma de empoderamento feminino;
3. Pole Dance nos quadrinhos;
4. HQ's feministas.

Fonte: A autora.

Os principais temas apresentados no diagrama e suas interseções representam os pilares deste trabalho e norteiam o desenvolvimento dos capítulos a serem apresentados a frente. A decisão para estes tópicos deu-se a partir da análise da problemática que será abordada como foco de discussão e aplicação da mesma e formato de tirinhas em quadrinhos sob um ponto de crítico, assim definiu-se os 3 principais elementos.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Desenvolver um conjunto de tirinhas, a partir dos princípios da narrativa visual, apresentando a relação das mulheres com o próprio corpo e também situações de preconceito e machismo que podem enfrentar ao iniciar nas práticas de *pole dance*.

1.2.2 Objetivos específicos

- Contextualizar a problemática do feminismo a partir da atualidade para o desenvolvimento de tirinhas em quadrinhos com o objetivo de retratar situações vividas por mulheres que praticam *pole dance*;
- Compreender o envolvimento do Design Gráfico como plataforma para movimentos feministas;
- Entender como as tirinhas podem ser utilizadas como um agente de comunicação para críticas sociais.

1.3 Justificativa

O *Pole Dance* surgiu da mistura e transformação de várias modalidades culturais, até chegar no ocidente, em que se desenvolveu em meio a cabarés, sendo associado ao *striptease* e adquirindo uma grande conotação sexual. A prática fortemente relacionada a performances para o prazer masculino, tornou-se marginalizada sob a visão da sociedade, sendo constantemente associada a prostituição e sexualização da mulher.

Em sua pesquisa, Holland (2010) apresenta comentários de *pole dancers* que estão cientes da experiência causada do estigma sofrido pelas *strippers*, pois elas também enfrentam esses estigmas, contudo, ao invés de aliar-se as dançarinas do pole sensual para combater estereótipos negativos, elas escolheram se distanciar das *strippers*, usando táticas similares daqueles que estigmatizam *pole dancers*. Segundo Bahri (2012), não é apenas o consumo de aulas de *pole dance* que estabelece as *strippers* como “outras”, mas algumas *pole dancers* podem procurar ativamente se diferenciar, fazendo campanhas contra sua associação com essas “outras”.

Dessa maneira, notamos que existem pontos a serem tratados, adentrando o feminismo de forma a apontar questões entre mulheres de diferentes realidades, não limitando essa discussão apenas aos benefícios de uma modalidade que atualmente está consolidada em meios privilegiados de forma recreativa, e que ainda carrega os preconceitos de sua origem, mas evidenciar como são tratadas no presente as mulheres envolvidas nessa prática que possui sua origem marginal.

Além do que já foi apresentado, também será um ponto importante para este projeto abordar como as mulheres avaliam-se individualmente, ao relatar de que forma são afetadas fisicamente e psicologicamente após iniciar os treinos de *pole dance*. O que a sociedade ganharia ao ver o pole dance como um esporte, além de um instrumento de sensualidade e sexualidade? “Afinal, é preciso verificar que através de uma dança, ou seja, muito além dela, independente de qual seja, há uma pessoa que a executa e que ela é a própria dança” (FERREIRA, 2015, p.12).

Um dos principais pontos desse trabalho tem como objetivo transmitir a um público final os questionamentos e problemáticas descritas nessa pesquisa, sendo o formato das histórias em quadrinhos o meio escolhido para tal. Os quadrinhos possuem grande importância como linguagem para a nossa sociedade, tendo o papel de trazer ao

leitor vivência e envolvimento com a história apresentada, em diversos formatos que permitem a abordagem de qualquer tipo de história.

Partindo de um contexto menos popular das histórias em quadrinhos, devemos dar atenção a participação das mulheres na produção, visto que o exercício criativo é tradicionalmente ocupado por homens. Ainda hoje, o trabalho das mulheres nas áreas criativas recebe frequentemente pouca divulgação, muitas vezes sendo apenas encontrados em blogs ou sites particulares online, pois não há interesse das grandes editoras em material para o público feminino, ao julgar que limitaria o alcance das publicações, sob a premissa da ideia de especificidade feminina *versus* universalidade masculina. Percebemos então a falta de visibilidade para as produções criadas por mulheres, que dificilmente conseguem alcançar a popularidade (BOFF, 2014). Desse modo, cabe a importância de as mulheres continuarem impondo seu espaço nos quadrinhos com as suas criações, pois muitas delas são a manifestação da realidade feminina, cultural, social e política.

Dentre os estilos da linguagem dos quadrinhos, foi escolhido para materialização visual desse projeto, as tirinhas, que possui como característica apresentar uma ideia/história de forma mais objetiva, dessa maneira, torna a sua propagação mais fácil, além e gerar maior identificação com os leitores, devido a diversas possibilidades de atribuir significados.

2. POLE DANCE, SUAS VERTENTES E A FIGURA FEMININA

2.1 Os tipos de *Pole Dance*

Atualmente o *pole dance* é composto por três principais modalidades, sensual/exótico, *sport/fitness* e arte. O *pole fitness* dentre essas categorias é a única reconhecida oficialmente como esporte, sendo a IPDFA (Associação internacional de *pole dance fitness*) responsável pela difusão e inserção do *pole fitness* também nos esportes olímpicos no ano de 2020. Essa modalidade é mais acrobática (Figura 5), com enfoque em flexibilidade e força, prezando pelo condicionamento físico, as roupas utilizadas são tops e shorts curtos que permitem o livre movimento do corpo e a aderência a barra.

Figura 5 - Mulheres executando acrobacias em uma aula de pole sport/fitness.



Fonte: Francine Michele.

Disponível em: <https://cutt.ly/tkKSHEB>

Acesso em: 04 de fevereiro de 2021.

Uma outra modalidade é o *pole* sensual/exótico (Figura 6), muitas vezes essas duas nomenclaturas são confundidas ou apresentadas como uma só por possuir características similares, porém aqui iremos separar em duas vertentes distintas. O *pole dance* sensual é o mais próximo do originário das *strippers*⁵, sendo a adaptação do que se encontrava em cabarés para as alunas em estúdios de *pole*, possui conotação mais erótica e vários elementos que exaltam a sensualidade da polerina, diferente do *pole fitness* não há necessidade em performar figuras complexas, geralmente utilizando poucas roupas e *pleasers*⁶ (Figura 7).

⁵ Pessoa que realiza um espetáculo para se despir de forma sensual, geralmente acompanhada musicalmente. Prática conhecida como *striptease*.

⁶ Sapatos de salto alto especiais utilizados pela polerinas para as práticas de *pole* sensual e exótico.

Figura 6 - Pole dancer Maddie Sparkle durante uma apresentação de pole sensual.



Fonte: Maddie Sparkle Youtube.
Disponível em: <https://cutt.ly/jkKGrJ4>
Acesso em: 04 de fevereiro de 2021.

Figura 7 - *Pleaser*, sapato de salto utilizado em algumas modalidades de pole dance.



Fonte: Pleaser Shoes.
Disponível em: <https://cutt.ly/mkXxKn5>
Acesso em: 04 de fevereiro de 2021.

A popularização do *pole* exótico se iniciou nos últimos anos, mais recentemente, por também utilizar *pleasers* e trazer sensualidade para a dança, visualmente remete a modalidade do *pole* sensual, porém também possui elementos acrobáticos como o *fitness*, sendo uma mescla dessas duas categorias. O exótico (Figura 8) está muito associado as russas, por conhecimentos gerais foram as pelerinas da Rússia que deram início a essa prática, trazendo mais técnica, flexibilidade e sensualidade em um apenas um estilo. Tanto o *pole* sensual como o

exótico também possuem variações de *floorwork* (Figura 9), prática de movimentos realizados no chão.

Figura 8 - Pole Dancer Vika em uma pose de uma coreografia de pole exótico.



Fonte: Vika.

Disponível em: <https://cutt.ly/1k2p4Tx>

Acesso em: 12 de fevereiro de 2021.

Figura 9 - Pole dancer Kira Noire em uma pose de uma coreografia de floorwork.



Fonte: Kira Noire.

Disponível em: <https://cutt.ly/Mk2aSjD>

Acesso em: 12 de fevereiro de 2021.

A terceira modalidade, *pole arte* (Figura 10) possui maior caráter teatral e coreográfico, trazendo maior liberdade de expressão e movimentos, com enfoque em contar uma narrativa através de uma coreografia, com figurinos elaborados e músicas que agregam a história a ser apresentada, transmitindo uma grande conexão artística.

Figura 10 - Pole dancer Maria Paula interpretando lago dos cisnes na categoria de pole dance art da competição Arnold em 2018.



Fonte: Maria Paula.
Disponível em: <https://cutt.ly/Bk2ddRF>
Acesso em: 12 de fevereiro de 2021.

Apesar dos estilos apresentados anteriormente serem os mais conhecidos, o *pole dance* está em constante evolução, se adequando cada vez mais a realidade daqueles que o praticam, podemos encontrar nos estúdios pelo Brasil desde *pole* contemporâneo a *pole funk*, por exemplo. Nessa diversidade que os praticantes encontram além de liberdade, cada vez mais chances de se identificar com diferentes formas de expressividade.

2.2 Apresentação do *Pole Dance* e a sua relação com a figura feminina

O *pole dance* ganhou popularidade rapidamente ao longo dos anos, e o aumento das interações pelas redes sociais, trouxe facilidade para as pelerinas ao redor do mundo trocarem experiências, criando uma comunidade ainda mais forte no meio, difundindo a prática através da internet e transformando a percepção que muitos tinham a respeito das aulas de *pole dance*, como aponta Holland (2010).

Apesar do significativo avanço e o aumento da aceitação da prática, ainda existe uma parcela de indivíduos influenciados pelo estigma de como o *pole dance* era visto antigamente que não entendem essas mudanças e não estão abertos a respeitá-la. Esse tipo de julgamento chegou à rede social Instagram, como mostra ACHÔA (2019) em sua pesquisa, em julho de 2019 o aplicativo censurou as mídias de pelerinas femininas com *hashtags* relacionadas ao *pole dance*, marcando como impróprio de acordo com as normas da rede, medida que inviabiliza a propagação e normalização da dança em meios prevalentes na sociedade, além de coibir os benefícios psicológicos que o *pole dance* exerce na praticante.

Em seu livro *Pole Dancing, empowerment and embodiment*, Holland faz uma pesquisa com *pole dancers*, coletando diversos relatos em que as polerinas declaram que já haviam falhado na tentativa de praticar exercícios ou não gostavam. Possuindo o hábito de definir-se negativamente como atrapalhadas, sem atributos físicos, sem força ou não esportivas o bastante, pois nunca tiveram a chance de aproveitar os benefícios de atividades físicas que são tradicionalmente consideradas respeitadas. Holland (2010) apresenta que a prática do *pole dance* transformou a percepção das entrevistadas, afirmando que essas mesmas mulheres disseram ter visto benefícios em seu condicionamento, força e confiança corporal, tanto durante quanto após as aulas.

Como parte do desenvolvimento metodológico desse trabalho, foi aplicado um questionário⁷ em praticantes para entender melhor a relação que as polerinas possuem com a *pole dance* e quais os resultados na vida dessas mulheres. Em uma das perguntas foi questionado se elas já tinham algum conhecimento de como eram as aulas de *pole*, a maioria relatou que não tinham ideia de como seriam as aulas e tinham até mesmo um certo tipo de receio ou preconceito. No entanto, após iniciar as aulas, uma característica em comum de todos os relatos foram os benefícios psicológicos, sendo os mais citados: a melhora na autoestima, confiança, aceitação, e, por consequência, os benefícios físicos.

Para as mulheres, ter um ambiente que proporciona esse tipo de bem-estar e troca de experiências com outras figuras femininas, que muitas vezes possuem histórias semelhantes, torna mais leve as dificuldades da vida em uma sociedade machista.

2.3 Pole Dance como forma de expressão do feminismo

Ao pensarmos na origem do *pole dance* e no que a prática representava pela sua história, torna-se até difícil imaginá-lo como um possível meio empoderador para mulheres, visto que a sua principal finalidade através da dança e do *striptease* era oferecer prazer para, em sua maioria, homens cis⁸ héteros frequentadores de cabarés e bordéis. Em sua pesquisa, Bahri (2012) aponta como o *pole dance* recreativo pode se tornar problemático através das várias possibilidades em reforçar estereótipos de feminilidade e afetar negativamente outros grupos de mulheres, como as *strippers*, além de tendencialmente excluir mulheres que não se encaixam em um padrão social.

Sendo essas questões importantes sob a visão do feminismo, a linha tênue entre os benefícios que o *pole dance* pode trazer para aquelas que praticam de forma recreativa e os aspectos negativos a partir de distintos pontos de vista, traz

⁷ Todo o processo de construção do questionário, o modo em que foram aplicados e a discussão dos resultados, serão explicitados no capítulo 5. O questionário foi aplicado durante o desenvolvimento da pesquisa para entender aspectos psicológicos e físicos importantes das praticantes de *Pole Dance*.

⁸ Cis: indivíduo que se identifica com o sexo biológico com o qual nasceu.

uma delicada discussão, como diz Bahri (2012), estamos constantemente em busca de transformar a estigma do *pole dance* para que a prática como lazer também seja vista de outra forma, podemos notar essa tentativa de suavização através da modalidade de *pole sport*, por exemplo. Esta visão, ao invés de aproximar *pole dancers* de diversas categorias para combater os estereótipos negativos, termina por distanciar aquelas que possuem uma expressividade mais sensualizada, incluindo as próprias *strippers*.

Apesar da maior parte da literatura, como mostra Dimler et al (2017), ter com foco questionar se o *pole dance* como lazer pode “empoderar” praticantes, ou se seria apenas mais uma arena para a objetificação da mulher, sob outro ponto de vista podemos observar os benefícios positivos dessa prática. Em sua pesquisa, Holland (2010) descreve como as mulheres passam a sentir maior liberdade e respeito com seus corpos, idade e gênero ao ter aulas de *pole*.

Um dos discursos feministas que fomenta os benefícios do *pole dance* para mulheres, parte do princípio da autoaceitação e coletividade feminina criada nesse ambiente. Dimler et al (2017) aborda que as participantes da sua pesquisa também relatam como encontraram uma nova forma de sentir-se confiante, e como a performance das aulas de *pole dance* contribuem para isso.

2.4 O Preconceito e o Machismo na prática do Pole Dance

A opressão feminina é resultado de uma sociedade machista oriunda do patriarcado que tem caminhado para o fim, porém, a opressão ainda existe e causa dor e sofrimento a milhares de mulheres por dia (CAMARGO, 2020). Como já citado anteriormente, o *pole dance* possui suas raízes provindas de um contexto exclusivamente machista, com o objetivo de entreter e satisfazer os desejos de homens héteros brancos em ambientes propícios a eles, dessa forma existe constante julgamento, preconceito e comparações da atividade com a intenção de diminuir e envergonhar tanto as mulheres que praticam de forma recreativa, também rebaixando aquelas que ainda estão inseridas no meio do *strip-tease*.

Em alguns relatos do questionário aplicado nesta pesquisa, pelerinas declararam sofrer preconceito e situações em que outros as ridicularizaram de alguma forma ao saber que elas praticavam *pole dance*, resultado esse que

demonstra o incomodo que muitos ainda possuem ao perceber que uma mulher possui domínio sobre seu próprio corpo. A *pole dancer* Patrícia Menezes (2019) em seu texto intitulado “Por que o Pole Dance empodera as mulheres e por que isso incomoda?” aponta que,

Ao ter a posse do seu corpo, a mulher empoderada pelo pole faz o que ela quiser com ele. Não importa se o namorado, pai, marido digam se ela não pode ou não deve usar roupas curtas. Ela precisa de roupas curtas para que tecnicamente consiga fazer os movimentos. Ela não se importa que qualquer um diga que seu corpo não é bonito e não deveria ser mostrado, porque ela se orgulha dele e de tudo que ele é capaz de fazer e superar. Isso incomoda, muito. Principalmente porque ela faz isso por ela e não para agradar ninguém, nem o público (sociedade em geral), nem o privado (pessoas com quem se relaciona).

Em sua pesquisa, Holland (2010) questiona as polerinas sobre quais os aspectos negativos do *pole dance*, obtendo muitas respostas semelhantes em que apontam a percepção e associação das pessoas a uma atividade “desprezível”, “de prostituição” e estigmatizada. Apesar das conquistas dos movimentos feministas nas últimas décadas, e cada vez mais a sociedade ser educada a respeitar o corpo, e a vida das mulheres, ainda há um longo caminho a ser percorrido para que todas possuam os mesmos direitos e liberdade, sem que sejam ridicularizadas ou diminuídas por um sistema opressor.

3. FEMINISMO E SUAS RELAÇÕES COM DESIGN GRÁFICO

3.1 Alguns movimentos feministas importantes da história

A trajetória da mulher ao longo dos anos é composta por incansáveis lutas para garantir direitos que homens possuem de imediato, sem necessidade de luta alguma. Segundo PORFÍRIO (2020 apud CAMARGO, 2020 p.7) durante eras, a mulher foi excluída de direitos como o de participar de espaços públicos, de trabalhar fora do lar e da possibilidade de estudo, além de estar há anos sendo submetidas ao poder e as vontades do homem, em geral seus pais e maridos.

Não se pode negar que após os últimos dois séculos o feminismo ganhou algumas batalhas para as mulheres que conquistaram espaços antes negados, no mercado de trabalho, nas universidades, mas ainda não há igualdade; ainda vivemos inseridos em uma cultura masculina e dominadora (FELGUEIRAS, 2017 p. 110).

Apesar de algumas críticas sobre sua periodização (HEMMINGS, 2009 apud PEREZ; RICOLDI, 2019), no Brasil e em outros países, a história do movimento feminista é contada em ondas. Essa forma de dividir os períodos no movimento feminista é amplamente utilizada e semelhante aos “ciclos de protesto”, presentes nas literaturas de movimentos sociais (PEREZ, RICOLDI, 2019). O termo “ondas” está presente na literatura com a finalidade de referenciar de forma mais organizada os movimentos feministas, essas ondas caminham de acordo com o processo sócio-histórico e trazem consigo posicionamentos, paradigmas e concepções ontológicas distintas (RIBEIRO, NOGUEIRA, MAGALHÃES, 2021).

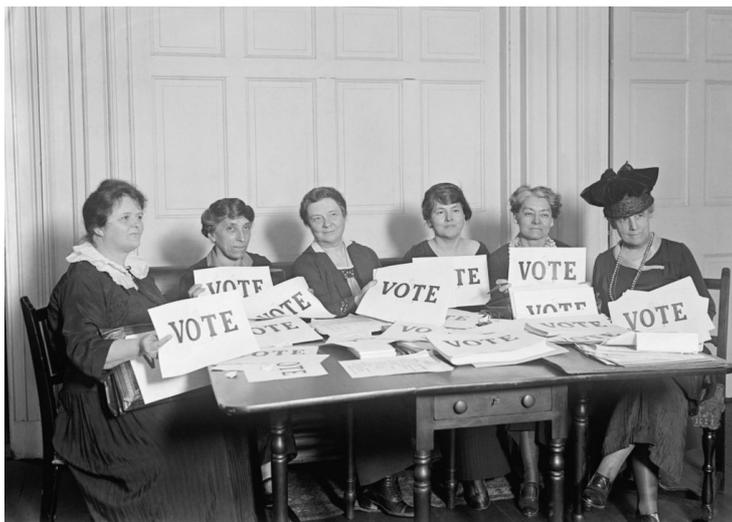
Os períodos e as características gerais de cada onda podem variar entre os diversos países. Enquanto alguns conquistaram o sufrágio feminino (traço da primeira onda) no início do século XX (por exemplo a Finlândia em 1906), outros só permitiram a votação feminina no final do século (1993, na África do Sul) (PEREZ, RICOLDI, 2019). Sendo assim, o objetivo deste tópico e dos posteriores será apresentar os movimentos feministas dentro de cada onda, considerando como foco os acontecimentos na Europa, nas Américas, e principalmente no Brasil.

3.1.1 Primeira onda feminista

A primeira onda de movimentos feministas teve como principais pautas, reivindicações por melhores condições de trabalho, como salário, redução da jornada e salubridade, e pela conquista de direitos políticos – de votar e representar interesses nos parlamentos (MARTINS, 2015). Também conhecido como feminismo “bem-comportado” ou conservador, não buscava ainda a plena igualdade da mulher na sociedade, a liberação sexual, por exemplo, levaria mais de um século para ser uma bandeira feminista no Brasil.

Uma das primeiras mentoras intelectuais de movimentos pela emancipação das mulheres, a inglesa Mary Wollstonecraft, manifestou a sua preocupação com o estatuto social, político e civil das mulheres da sua época (ABREU, 2002). Uma das suas principais conquistas teve início no ano de 1792, com a reivindicação pelo direito ao voto feminino, com os movimentos sufragistas, as mulheres que se envolveram em campanhas pró-sufrágio feminino eram conhecidas como ‘sufragistas’ ou ‘sufragetes’, que se espalhou pela Inglaterra e Estados Unidos nas duas primeiras décadas do século XX (Figura 11), quando as mulheres dessas nações finalmente conseguiram ser reconhecidas como cidadã. A principal reivindicação era que fossem conferidas as pessoas do sexo feminino o direito ao voto (TOSI, apud CAMARGO, 2020), conquista que ecoou pelo mundo, servindo de inspiração para grupos feministas de vários outros países.

Figura 11 - Mulheres sufragistas com cartazes escrito “voto” em setembro de 1924.



Fonte: *Everett Historical*.

Disponível em: <https://cutt.ly/ykVFcvz>

Acesso em: 06 de fevereiro de 2021.

No Brasil, a luta das primeiras organizações de mulheres era pela educação e pelo voto, no final do século XIX. Com a liderança de Bertha Lutz, cientista que havia estudado na Europa, influenciada pelo movimento sufragista francês e inglês, quando volta ao Brasil na década de 1910, agrega força para luta pelo direito ao voto, criando a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher (FELGUEIRAS, 2017). Apenas em 1946 que foi instituído a obrigatoriedade do voto feminino, garantindo assim uma das principais realizações para as mulheres exercerem seu papel político na sociedade (Figura 12). Elza Campos também aponta que,

A luta pela igualdade de gênero progrediu significativamente na sociedade brasileira, tendo por pano de fundo todas as mudanças estruturais e as lutas do movimento feminista e de mulheres ao longo do século XX. Especial destaque merece aquele movimento de mulheres que emergiu na década de 1960, que teve o mérito de introduzir na agenda política questões que estavam antes restritas à esfera, supostamente despolitizada e neutra, da vida privada, trazendo para o debate público temas como sexualidade e corpo feminino. Necessário evidenciar que esse movimento também lutava por liberdades democráticas em um país em que elas estavam constringidas pelo autoritarismo da ditadura militar instalada em 1964. (CAMPOS, 202-)⁹

⁹ CAMPOS, Elza. **O voto feminino no brasil: a luta pela participação política da mulher**. Departamento de Direitos Humanos e Cidadania, DEDIHC. Disponível em: <https://cutt.ly/Dk2ojZv>. Acesso em: 24 de janeiro. 2021.

Figura 12 - Mulheres brasileiras votando em 1932.



Fonte: Desconhecido.

Disponível em: <https://cutt.ly/qkVC9Jz>

Acesso em: 06 de fevereiro de 2021.

Após a conquista do direito ao voto das mulheres, muito do movimento feminista se desintegrou, pois esse era o principal objetivo e ainda não havia um posicionamento em relação a outras questões de igualdade de gênero, tornando-se ativo novamente apenas no que ficou conhecido como a segunda onda do feminismo, nos anos 60.

Nesse período ampliou-se a busca das mulheres por uma real participação social, trazendo também reivindicações referentes à: sexualidade, o direito ao prazer, ao corpo, iniciando-se debates sobre direito ao aborto e contracepção. Possuindo como objetivo lutar contra o preconceito, discriminação e opressão (FELGUEIRAS, 2002).

3.1.2 Segunda onda dos movimentos feministas

A partir da metade do século XX, na década de 1960, identifica-se o início da segunda onda feminista, os movimentos incorporam pautas destinadas a compreender as origens e as causas das desigualdades entre os sexos, atribui-se uma dimensão política ao problema da opressão feminina, sintetizado pelas feministas dos anos 60 pelo slogan “o pessoal é político” (MARTINS, 2015). Em países como os Estados Unidos e a França, o movimento ganhou força num contexto de contestação política e cultural — no Brasil ocorreu no período da ditadura militar iniciada em 1964, especialmente a partir de meados de 1970 (PEREZ e RICOLDI, 2019).

Neste período surgem reivindicações referentes à: sexualidade, o direito ao prazer, ao corpo, ao debate sobre direito ao aborto e contracepção e violência

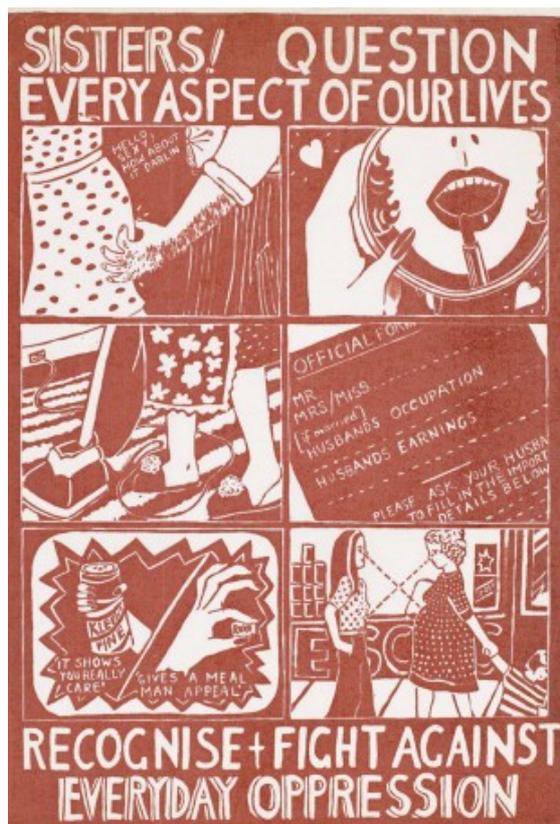
em todas as suas formas de opressão. Tinha, ainda, como objetivo lutar contra o preconceito, discriminação e opressão (FELGUEIRAS, 2002). Costa (2006) retrata muito bem quando trata da problemática de que para as mulheres o pessoal é o político, onde questões privadas são trazidas ao debate público e político:

Ao utilizar essa bandeira de luta, o movimento feminista chama a atenção das mulheres sobre o caráter político da sua opressão, vivenciada de forma isolada e individualizada no mundo do privado, identificada como meramente pessoal. O movimento significou uma redefinição do poder político e da forma de entender a política ao colocar novos espaços no privado e no doméstico. (COSTA, 2006 p. 2 apud FELGUEIRAS, 2002, p.115).

Nesse momento, a noção de “pessoal” foi identificada com as consequências do patriarcalismo na vida privada, cujo *locus* reside nas relações domésticas e familiares. Entendido como uma das estruturas que organizam a vida social, o patriarcalismo caracteriza-se pela autoridade, imposta institucionalmente, do homem sobre a mulher e filhos no âmbito familiar – e com repercussões importantes na política, na legislação e na cultura (MARTINS, 2015).

A questão da autonomia era uma das tônicas dos movimentos feministas que atuavam naquele período, mas não só deles: os movimentos sociais daquela época, em geral, ressaltavam a independência do Estado opressor (PEREZ e RICOLDI, 2019). A segunda onda ainda contava com feministas exiladas, militantes de partidos políticos (Figura 13) (que exerciam, por vezes, a dupla militância), estudantes universitárias e acadêmicas (PINTO, 2003, apud PEREZ e RICOLDI, 2019).

Figura 13 - Cartaz de movimento feminista da segunda onda, escrito: “Irmãs! Questionem todos os aspectos de nossas vidas. Reconheçam + lutem contra a opressão cotidiana”.



Fonte: Desconhecido.

Disponível em: <https://cutt.ly/HkBwdiY>

Acesso em: 11 de fevereiro de 2021.

Em termos de teoria, as feministas de segunda onda buscaram identificar a origem da condição feminina — por que somos oprimidas, e o que todas as mulheres do mundo têm em comum que justifique estarmos todas, coletivamente, em situação pior do que a dos homens, de forma geral? A resposta é o próprio sexo, a própria capacidade reprodutiva. A mulher desde sempre esteve atrelada, social e economicamente, à sua função reprodutiva, e o patriarcado, assim como o capitalismo, consiste essencialmente, também, na exploração dessa capacidade. (FRANCHINI, 2017)¹⁰.

Segundo Martins (2015), com a introdução da visão de gênero na legislação internacional a partir dos anos 60, torna explícita a intenção dos movimentos feministas em direcionar significativamente seus esforços e suas lutas pra meios jurídicos e institucionais, principalmente em espaços multilaterais, como o foro da Organização das Nações Unidas.

¹⁰ FRANCHINI, B. S. **O que são as ondas do feminismo?**. Revista QG Feminista. 2017. Disponível em: <https://cutt.ly/xzLcMbg> Acesso em: 12 de março. 2021.

3.1.3 Terceira onda e o feminismo na contemporaneidade

Os movimentos feministas da terceira onda, datam a partir dos anos 80, possuindo caráter pós-modernista e pós-estruturalista, traz em sua luta a resistência à categorização, desse modo o conceito de gênero entra em pauta e passa a ser discutido além de uma visão binária, em que se torna possível pensar a identidade (homem x mulher) de uma nova forma (RIBEIRO, NOGUEIRA, MAGALHÃES, 2021).

Como posso dizer isso? Que somos mulheres desde o início. Que nós não temos que ser transformadas em mulheres por eles, classificadas por eles, feitas santas e profanas por eles. Que isso sempre aconteceu, sem os esforços deles [...] não significa que temos um território próprio; mas sua pátria, família, casa e discurso nos aprisionam em espaços fechados onde nós não podemos nos manter em movimento, como nós mesmas. A propriedade deles são o nosso exílio. (IRIGARAY, apud MARTINS, 2015, p.9)

Durante esta onda, é relevante na literatura o feminismo negro e o surgimento do movimento interseccional como uma forma de dar espaço e visibilidade ao o ponto de vista das mulheres negras, assumindo, para além de questões de gênero, um compromisso com a mudança social que abrange em suas lutas diversos outros contextos (RIBEIRO, NOGUEIRA, MAGALHÃES, 2021).

Em 1989, Kimberlé Creenshaw introduziu o conceito de *interseccionalidade* enquanto uma ferramenta para que mulheres atingidas por vários tipos diferentes de opressão (raça, classe, sexualidade, gênero) pudessem analisar sua condição (FRANCHINI, 2017).

As ondas do feminismo acompanham, em alguma medida, as transformações de contexto da sociedade desde a modernidade até o que se pode denominar pós-modernidade (MARTINS, 2015).

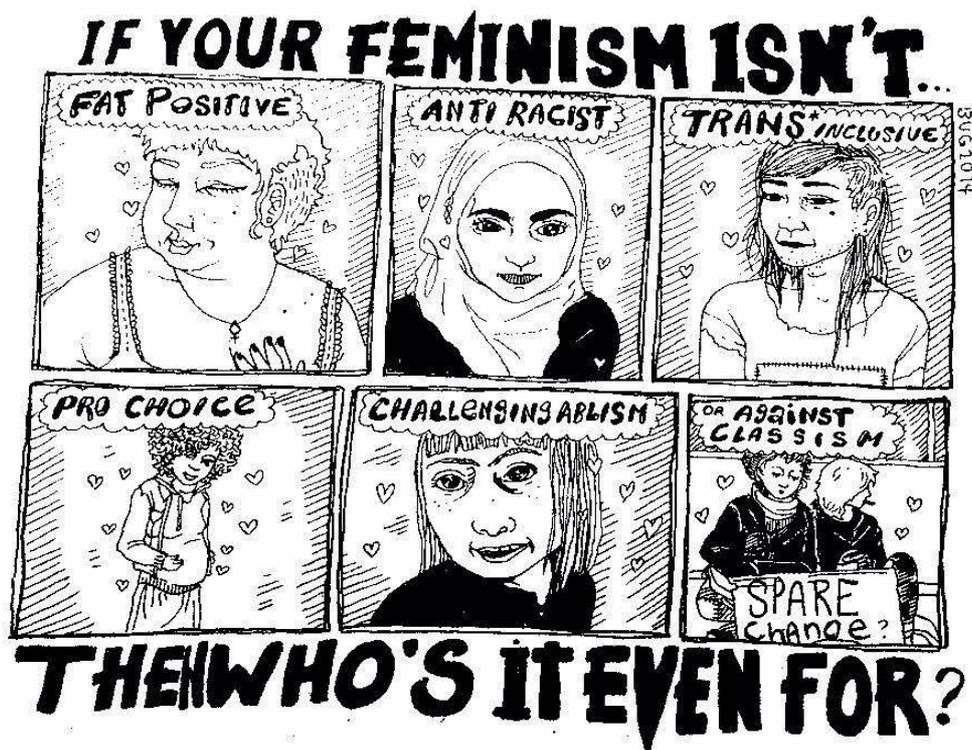
No Brasil, a Eco 1992 e a tenda Planeta Fêmea simbolizaram o início da eclosão de Organizações Não-Governamentais feministas, que tem como características a profissionalização e a tecnificação de suas ações, afinadas com as agendas internacionais do gênero (momento em que o termo ganha impulso no Brasil) (PEREZ e RICOLDI, 2019).

Por fim, uma quarta onda está se formando, de maneira que ainda a estamos vivendo e a desenvolvendo na atualidade. Podemos destacar algumas

características que identificamos com frequência: o uso em massa de redes sociais e da tecnologia, e, portanto, um ativismo amplamente digital (como o “feminismo de *hashtag*”) (PEREZ e RICOLDI, 2019).

Nesta onda, encontramos debates de diversos aspectos, aprofundando discussões sobre identidade e corpo, visibilidade trans, gordofobia, feminismo negro, e violência sexual e psicológica. Segundo Hollanda (2018 apud RIBEIRO, NOQUEIRA e MAGALHÃES, 2021), no Brasil, a quarta onda também apresenta as redes sociais como um elemento importante na esfera política, como meio para potencializar as mobilizações, e aumentar a voz dos coletivos de mulheres (Figura 14).

Figura 14 - Quadrinho escrito: “Se seu feminismo não é gordo-positivo, antirracista, trans-inclusivo, pró escolha, anti capacitista, ou contra o classicismo. Então para quem é mesmo?” (tradução livre)



Fonte: BUG2014.

Disponível em: <https://cutt.ly/HkBwdiY>

Acesso em: 11 de fevereiro de 2021.

Sendo assim, o feminismo contemporâneo caracteriza-se por oferecer cada vez mais acesso a informações e oportunidades para que mulheres se desconstruam daquilo que muitas conhecem como realidade. Devido a tecnologia na atualidade, as redes sociais, e com campanhas cada vez mais intensas e abrangentes, podemos alcançar mulheres que ainda desconhecem a liberdade, vivem sob opressões e

abusos, e muitas vezes sem sequer questionam. Ao levar conhecimento para uma mulher, é possível se conectar a outras que talvez não possuam acesso a esses movimentos, através de uma rede de sororidade, o feminismo cresce e ganha força, transformando pouco a pouco a realidade da nossa sociedade, e ainda há muito a ser conquistado.

3.2 Análise de como o Design Gráfico contribui como ferramenta para o movimento feminista

Em movimentos sociais, em meio a protestos e reivindicações ao longo da história, podemos encontrar cartazes em sua maioria com letras garrafais, a fim de destacar os motivos principais que colocaram aquele grupo em ação. Um exemplo interessante a ser citado é o coletivo *Chicago Women's Graphic* (Figura 15), criado em 1970, tendo por objetivo inaugural criar cartazes de apoio ao movimento de libertação das mulheres (NEVES, 2011 apud AZEVEDO, 2020).

O grupo unia as habilidades artísticas de cada integrante numa preocupação paralela com a troca de conhecimento entre elas (cada cartaz era produzido por até quatro mulheres, com uma supervisora), cada qual com sua percepção e, ao final, trabalhando em junção e em prol dos objetivos feministas (AZEVEDO, 2020).

Figura 15 - Grupo Chicaco Women's Graphic.



Fonte: Desconhecido.

Disponível em: <https://cutt.ly/akMUO8V>

Acesso em: 12 de fevereiro de 2021.

O design, a partir da comunicação de mensagens com a finalidade de esclarecer e facilitar a compreensão de questões existentes no mundo, seja através de um manual de produto ou através de campanhas, pode ser considerado similar ao feminismo que também possui a função de trazer clareza as questões das mulheres de forma empática (LEÃO, 2019). O designer coloca em suas produções, de forma consciente ou não, a sua visão de mundo e valores culturais que carrega, desse modo, pode gerar interações sociais e com suas experiências refletidas em seus trabalhos (AZEVEDO, 2020).

Se o design permite uma compreensão mais fácil do mundo a partir do desenho de manuais e produtos e da comunicação de mensagens ao grande público, o feminismo se assemelha a isso no nível empático (LEÃO, 2019). O designer enquanto autor de experiências que geram interações sociais também é político, afinal todo design parte necessariamente - conscientemente ou não - da visão de mundo e de valores culturais que o designer carrega (AZEVEDO, 2020).

A designer Sheila Levrant de Betteville, nomeada diretora do Departamento do Design Gráfico na universidade de Yale em 1990, por possuir importante trajetória como designer e ativista do movimento feminista, e segundo Lupton (1993, apud LEÃO, 2019, p.31) aponta sobre de Betteville:

Como uma feminista que participou do renascimento do movimento das mulheres na década de 1970 e seu refinamento crítico na década de 80, de Betteville acredita que os valores culturalmente associados às mulheres são necessários na vida pública. Ela quer que os designers comecem a ouvir diferentes vozes, e promovam maior estrutura para que outros possam ser ouvidos. Ela quer mover o design para práticas proativas ao invés de focar apenas em serviços corporativos.

Como o desejo de Betteville, na atualidade, podemos encontrar diversos coletivos de design ativista, muitos designers começaram a atentar para o poder do que as suas peças gráficas poderiam causar a nível social. O agir político que parte do design de ativismo como agente transformador se propõe a confrontar o hábito de ver (da experiência de enxergar) no seio do cotidiano da sociedade (AZEVEDO, 2020).

Percebemos a relevância do design para propagar informações e ideias de forma mais atrativa e impactante para o público, sendo uma ferramenta aliada para ativismos de diversos movimentos. Independente da técnica e recursos visuais

utilizados para transmitir uma mensagem, cada designer manipula suas ferramentas para a criação de peças que apresentam o que desejam para aqueles que tiverem contato com a sua obra. Sendo assim, o desenvolvimento das tirinhas a partir dessa pesquisa, também terá a sua importância como forma de ativismo em questões feministas, apresentando situações que muitas mulheres passam ao se envolver com a atividade de pole dance, que muitos desconhecem ou colaboram ao reforçar o estigma, acontecimentos causados a partir da construção machista da nossa sociedade, estruturada para menosprezar e oprimir as mulheres.

3.3 Peças gráficas produzidas pelo movimento feminista: um breve relato

O design sempre teve um papel político importante, com enorme potencial de transformação social. Desta maneira, em movimentos feministas, possuiu a função fundamental na disseminação das ideias. Vários designers, individualmente ou em coletivos, desenvolveram peças gráficas com a finalidade de dar destaque para os diversos debates dos movimentos. Aqui serão destacadas algumas dessas campanhas internacionais e nacionais.

- A **Chicago Women's Graphics Collective** foram ativas entre o período de 1973 a 1983 e produziram milhares de pôsteres de natureza radical, socialista e feminista (Figura 16). O processo era coletivo, sendo assim, os cartazes não possuíam assinaturas e eram sempre produzidos por um comitê, com todas reunidas (Red Wedge Magazine, 2016).

Figura 16 - Dois cartazes de Chicago Women's Collective (Reprodução).



Fonte: Chicago Women's Collective.
Disponível em: <https://cutt.ly/1k01x9f>
Acesso em: 15 de fevereiro de 2021.

- Os cartazes das **Guerrilhas Girls** também tiveram papel fundamental nas lutas feministas, utilizando da cultura pop e do bom humor espalhavam pôsteres provocativos questionando os desequilíbrios nas artes. A figura abaixo é um exemplo de uma dessas peças gráficas, em que está escrito a pergunta “As mulheres precisam estar nuas para entrar no museu? Menos de 5% dos artistas das sessões de arte moderna são mulheres, mas 85% da nudez é feminina.”, como forma de protesto a uma exposição promovida pelo MoMa (Museu de Arte Moderna) em Nova York em 1989, que buscava reunir os artistas mais importantes da década (Figura 17). Entre 165 pintores e escultores selecionados pela curadoria, só 13 eram do sexo feminino (D'ANGELO, 2017).

Figura 17 - Arte Gráfica Guerrilhas Girls 1989 (Reprodução).



Fonte: Guerrilhas Girls.
Disponível em: <https://cutt.ly/5k0v3g3>
Acesso em: 15 de fevereiro de 2021.

- A artista **Barbara Kruger** ganhou destaque na década de 1980, quando começou a fazer artes gráficas ousadas justapondo imagens com declarações provocativas. Fontes Helvetica e Futura no branco sobre vermelho. O trabalho dela faz lembrar propagandas, porque é: é propaganda pelo

anticomunismo, pelos direitos das mulheres, pela igualdade e pelo pensamento (DINSDALE, 2020).

Figura 18 - Cartaz de Barbara Kruger, escrito: “O mundo é pequeno, mas não se você tiver que que limpá-lo” (Reprodução).



Fonte: Barbara Kruger.

Disponível em: <https://cutt.ly/kk04c7b>

Acesso em: 15 de fevereiro de 2021.

- No Brasil em contextos mais atuais e seguindo para o âmbito da ilustração encontramos artistas como a **Carol Rossetti**, que desenvolveu um projeto de ilustrações entre 2014 e 2015, tomando a forma de livro publicado em 5 países diferentes (Figura 19). As suas ilustrações apresentam além de questões relacionadas a mulheres, como amor-próprio, direitos, dignidade, também aborda discussões sobre racismo, homofobia, bifobia, xenofobia, transfobia, elitismo, e opressões contra pessoas com deficiências físicas. A fim de mostrar que a luta por igualdade e respeito é ampla e deve ser inclusiva.

Figura 19 - Ilustração de Carol Rossetti.



Fonte: Carol Rossetti.

Disponível em: <https://cutt.ly/1k2xG9n>

Acesso em: 15 de fevereiro de 2021.

- Outra Designer e ilustradora brasileira que contribui para movimentos sociais com as suas produções é a **Camila Rosa**, também membro do coletivo de arte urbana (Coletivo Chá). Suas produções exploram temas sobre o universo feminino, resistência feminina em diferentes realidades da vida, veganismo e contextos culturais (Figura 20). Seus trabalhos podem ser encontrados principalmente através do seu perfil na plataforma Instagram (@camixvx).

Figura 20 - Ilustração Camila Rosa que aborda o amor-próprio e a fuga dos padrões de corpo.



Fonte: Camila Rosa.

Disponível em: <https://cutt.ly/xk2r8hD>

Acesso em: 15 de fevereiro de 2021.

- Na produção de quadrinhos no Brasil, durante a década de 1970, podemos destacar publicações de periódicos feministas como plataforma de difusão para a produção de humor gráfico, produzido por mulheres com a finalidade de trazer visões feministas e debater não apenas problemas sociais e políticos brasileiros, mas também apresentar a representação das mulheres e do mundo em que viviam, disputando espaços de poder existentes no campo da cultura e política (PIRES, 2010). Na Figura 21, apresentamos os quadrinhos de *Bia Sabiá*, publicados nesse período pelo jornal *Nós Mulheres*, criado pela cartunista Cecília Whitaker, que assinava como Ciça. Os quadrinhos de Ciça abordam rotinas comuns as mulheres, representando como o machismo cotidiano é naturalizado; e a divisão sexual do trabalho, principalmente o doméstico.

Figura 21 - Bia Sabiá, de Ciza. 1976.



Fonte: Pires, 2019.

Seguindo no âmbito dos quadrinhos no Brasil, também serão destacadas duas artistas que utilizam as tirinhas como forma de manifestar pautas abordadas pelo feminismo, a fim de colaborar com o alcance dessas questões ao público geral. Nesse âmbito, iremos destacar duas quadrinistas brasileiras, sendo uma delas a Thais Gualberto, criadora de “Olga, a sexóloga” (Figura 22); nessas tirinhas, Thais apresenta a personagem Olga, uma sexóloga que lida de forma cômica, com diversas situações comuns as mulheres.

Figura 22 - Olga, a sexóloga (Tirinha de Thais Gualberto).



Fonte: Thais Gualberto.

Disponível em: <https://cutt.ly/fIZ0spx>

Acesso em: 26 de fevereiro de 2021.

Outra quadrinista que também publica tirinhas com finalidade crítica, é a Carol Ito, além de ter seu espaço produzindo para a revista TPM, portal que aborda o universo das mulheres, também é possível encontrar seus trabalhos em seu perfil do Instagram (@carolito.hq).

Figura 23 - Tirinha de Carol Ito.



Fonte: Carol Ito.

Disponível em: <https://cutt.ly/RiXriUx>

Acesso em: 26 de fevereiro de 2021.

As tirinhas apresentadas acima, na Figura 22 e na Figura 23, expõem situações em que o machismo está presente na vida de mulheres, com uma linguagem simplificada e de fácil interpretação, a fim de trazer ao público críticas e acontecimentos com os quais possam se identificar e atingir aqueles que talvez nunca tiveram conhecimento sobre essas questões. Desse modo, as tirinhas tornam-se um meio de transmitir informações dando espaço a pautas sociais e também vivências individuais, sendo esse gênero escolhido como instrumento de materialização desse projeto, a fim de trazer ao público as discussões que aqui foram apresentadas e relatos coletados através das entrevistas feitas as pelerinas, com o objetivo de dar visibilidade em como o *pole dance* pode influenciar na vida dessas mulheres, e quais impactos sociais que esse grupo é capaz de sofrer ao se expor em uma atividade que pode lhes proporcionar a liberdade que patriarcado lhes tira.

4. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

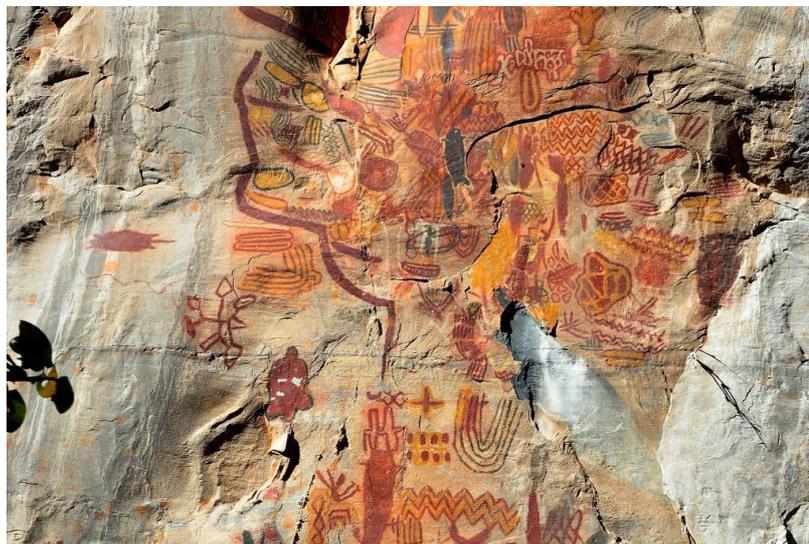
4.1 A História e o surgimento da arte sequencial

A origem da arte sequencial é remota, alguns autores como Scott McCloud (1993), chegam a afirmar que é uma arte oriunda das pinturas rupestres, quando nossos antepassados já sentiam a necessidade de narrar acontecimentos através de desenhos sequenciais, muitas vezes imagens relacionadas à caça e rituais. Assim, pode-se reconhecer que esta é uma das formas mais antigas de contar histórias (Figura 24 e Figura 25), sendo um costume mantido até os dias atuais.

Para o autor:

O ato de contar histórias está enraizado no comportamento social dos grupos humanos - antigos e modernos. As histórias são usadas para ensinar o comportamento dentro da comunidade, discutir morais e valores, ou para satisfazer curiosidades. (EISNER, 1996; p.3)

Figura 24 - Pintura rupestre em Peruaçu- Minas Gerais.



Fonte: Folha/UOL.

Disponível em: <https://cutt.ly/olXh3Dp>

Acesso em: 04 de agosto de 2020.

Figura 25 - Pintura rupestre da toca do Pajaú no Piauí.



Fonte: Estadão.

Disponível em: <https://cutt.ly/0lXjwNa>

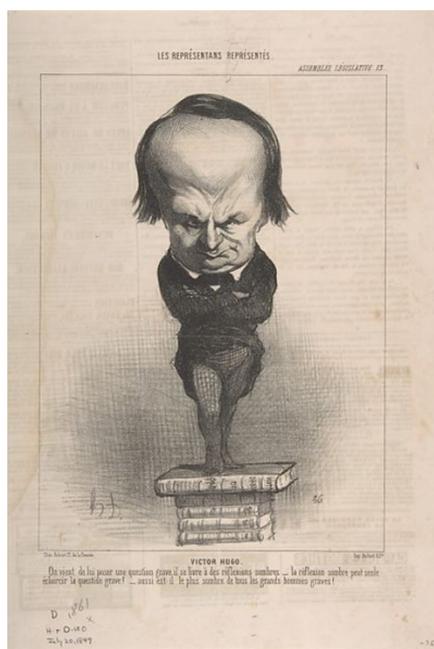
Acesso em: 04 de agosto de 2020.

Segundo Feijó (1997, p. 14) as narrações criadas por meio da arte sequencial apareciam desde a Antiguidade, em “tapeçarias, frisos, painéis pintados ou em alto-relevo, mosaicos, vitrais etc.”, e seu objetivo:

Não era apenas decorativo, mas também, e principalmente, registrar acontecimentos ou reforçar mitologias e crenças religiosas. Por quê? Porque a comunicação por meio de imagens reconhecíveis sempre permitiu que se atingisse um público muito mais amplo do que aquele capaz de ler no sentido tradicional (ler palavras e frases), ou seja, o público alfabetizado. [...] Na Idade Média, por exemplo, a Igreja abusava da arte sequencial para divulgar episódios da vida dos homens santos ou histórias religiosas junto a fiéis de pouca educação formal (op. cit., p. 14).

As histórias em quadrinhos na civilização europeia, originou-se através do surgimento de técnicas de reprodução gráfica, o que proporcionou a união do texto com a imagem; nessa época, havia os desenhos de humor (caricaturas) e os animais humanizados dos contos de fadas (CAMPOS; LOMBOGLIA, 1984).

Figura 26 - Caricatura Vitor Hugo. Honoré Daumier, 1849.



Fonte: Met Museum.

Disponível em: <https://cutt.ly/EIXjfNg>

Acesso em: 04 de novembro de 2020.

Já as histórias em quadrinhos como conhecemos nos dias de hoje, de acordo com Goida (2011 apud XAVIER, 2017), são frutos do jornalismo moderno. No final do século XIX, Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst, os “mais poderosos proprietários de cadeias de jornais nos Estados Unidos”, na disputa pela conquista de um público maior, criaram os suplementos dominicais com o intuito de atraírem os semialfabetizados e os imigrantes, que tinham dificuldades com o inglês; (XAVIER, 2017).

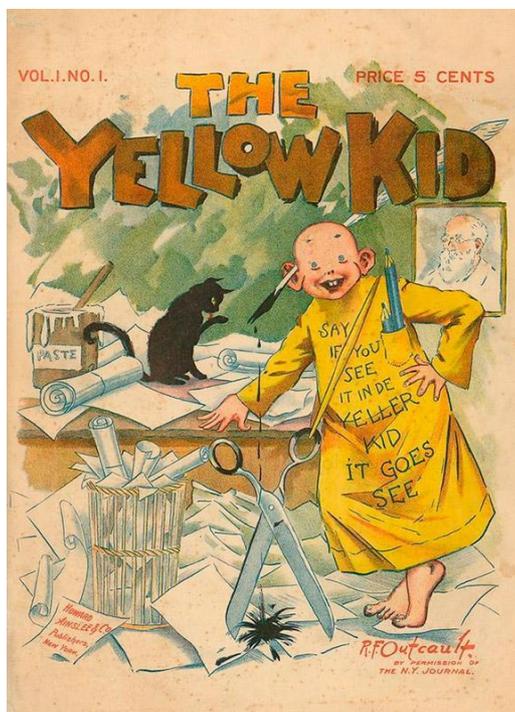
Dessa forma os quadrinhos ganharam autonomia e em meio a sua popularidade, surgiu a expressão muito utilizada ainda hoje; os *comics* — como eram chamados inicialmente por possuírem conotação humorística nos jornais.

4.2 A cronologia das HQ's a partir dos primeiros exemplares e grandes marcos

Muitos autores, assim como Scott McCloud, marcam os primeiros registros de histórias em quadrinhos surgindo na imprensa, sendo uma das primeiras revistas publicada em 1895 por Richard Outcault com título “*The Yellow Kid*” (Figura 27), mencionada por Moya (autor do livro História da História em

Quadrinhos) “A linguagem das HQs, com a adoção de um personagem fixo, ação fragmentada em quadros e balões de texto, surgiu nos jornais sensacionalistas de Nova York com o *The Yellow Kid*.”

Figura 27 - The Yellow Kid, OUTCAULT, 1895.



Fonte: Pinterest.

Disponível em: <https://cutt.ly/XIXjxoB>

Acesso em: 26 de agosto de 2020.

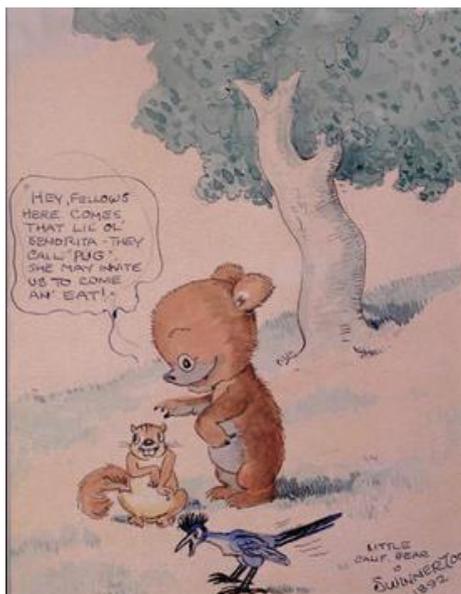
Porém há controvérsias em relação a essa informação, o autor Rogério de Campos ao citar Kinnaird, diz que:

As tiras de jornal sofrem da ausência de estudos históricos objetivos e da escassez de avaliações honestas e criteriosas. Passados apenas cinquenta anos de sua criação, a origem da nova arte já está obscurecida. As tiras de jornal não surgiram, como é comum se dizer, com o Yellow Kid. (CAMPOS, 2015; p.12)

Assim percebemos que não é possível ressaltar apenas um título, pois o acontecimento das HQ's surgiu no mundo todo de forma simultânea, em cada país artistas estavam produzindo e publicando histórias e assim que se pensa em um, outro já o fazia anos antes. Como é apresentado por Rogério de Campos em seu livro *Imageria* em que demonstra essa sincronia na história da evolução dos quadrinhos.

No dia 25 de outubro de 1896, um menino careca, descalço e vestido com um camisolão amarelo conversou com um papagaio nas páginas do New York Journal. Foi assim que o norte-americano Richard F. Outcault inventou as histórias em quadrinhos. Que, aliás, já tinham sido inventadas quatro anos antes por Jimmy Swinnerton (nascido em Eureka Califórnia), criador da primeira série de HQ's: The Little Bears (Figura 28) (CAMPOS, 2015; p.9)

Figura 28 - The Little Bears, SWINNERTON, 1892.



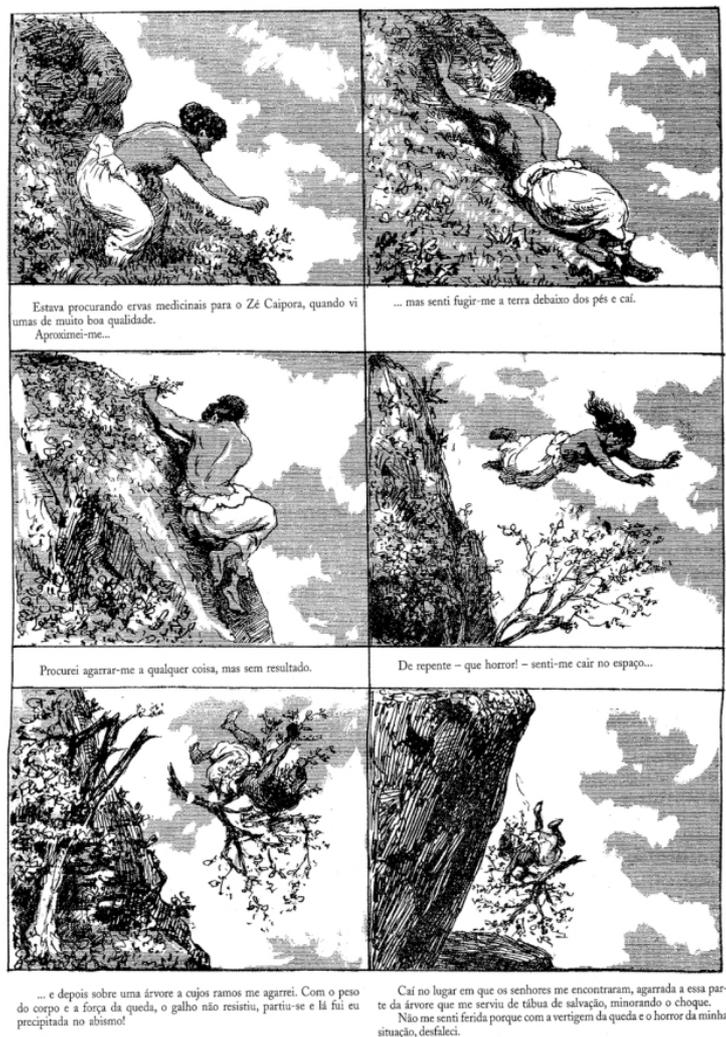
Fonte: Wikipedia.

Disponível em: <https://cutt.ly/HIXjTeU>

Acesso em: 26 de agosto de 2020.

No Brasil, o marco inicial para a produção de obras de quadrinhos foi através do pioneirismo de Angelo Agostini, sendo *As Aventuras de Nhô Quim ou Impressões de uma Viagem à Corte* (Figura 29) considerada a primeira história em quadrinhos no país, e seus primeiros capítulos datam de 1869. No ano de 1883 foi publicada aquela que é considerada sua grande obra, *As aventuras de Zé Caipora* (Figura 30), apresentando características peculiares e recursos inovadores, como rica conotação realista e temática que misturava aventura e drama. Ainda que suas publicações sejam datadas em períodos antes de Yellow Kid e The Little Bears, como mostrado anteriormente, infelizmente Agostini é pouco conhecido e reconhecido como precursor dos quadrinhos, dentro e fora do Brasil (GOMES, 2014).

Figura 30 - Quadrinho As Aventuras de Zé Caipora, de Angelo Agostini



Fonte: Domínio Público.

Disponível em: <https://cutt.ly/Ovb6cvl>

Acesso em: 17 de abril. 2021

A ascensão das histórias em quadrinhos consolidou-se a partir do ano 1930, sendo em meados dos anos 40, o início do fenômeno das HQ's de super-heróis, ao longo dos anos sentiu-se a necessidade de expandir o público, abrangendo leitores mais maduros.

Em 1965 e 1990 os quadrinhos começaram a procurar conteúdo literário. Isso começou com o movimento *underground* de artistas e escritores criando o mercado de distribuição direta. Isso foi seguido pelo surgimento das lojas especializadas em quadrinhos, que facilitaram o acesso a um maior número de leitores. Foi o começo do amadurecimento do meio. (EISNER, 1996, p.8)

Após o grande reconhecimento através das histórias de super-heróis, o qual a vertente é principalmente conhecida popularmente, nota-se a difusão entre artistas do meio, tornando-se uma arte ampla e repleta de possibilidades, com espaço para desde nomes independentes até grandes editoras.

4.3 Os tipos de quadrinhos e como diferenciá-los.

A arte sequencial pode ser aplicada não só para os quadrinhos, mas caracterizada pela definição de Eisner (2003) como uma série de imagens dispostas em sequência, encontrada em diversos meios, como por exemplos em filmes. As HQ's utilizam da arte sequencial como base de sua estrutura, seguindo geralmente o conjunto de elementos narrativos de quadros, arte e balões de texto.

A interação entre palavras e imagens vem sendo desenvolvida por artistas há décadas, uma história em quadrinhos possui configurações bastante específicas, porém é possível atribuir diversas diagramações e formatos que possam até fugir ao modelo clássico, mas ainda sendo classificado como um quadrinho desde que possua seus elementos essenciais.

A autora Ramos (2010 apud XAVIER, 2017) afirma que o termo “histórias em quadrinhos” pode ser considerado um grande rótulo contendo diversas características utilizadas em maior ou menor grau por uma diversidade de gêneros, nomeados de diferentes maneiras. Portanto, “quadrinhos” pode ser classificado como um hipergênero¹¹ que agrega diferentes outros gêneros, cada um com suas particularidades (XAVIER, 2017). Dentre os principais gêneros desse grande universo dos quadrinhos, destacam-se alguns que serão abordados a frente.

- **Charges**

As charges são histórias mais curtas, de caráter sintético e geralmente humorístico, normalmente publicadas em jornais diários de acordo com Mendonça (2002 apud XAVIER, 2017). As charges costumam satirizar fatos atuais, como notícias e acontecimentos recentes, também possui conotação crítica. Possuindo características semelhantes a charge, o cartum muitas vezes pode ser confundido

com esse gênero, ao contrário da charge, o cartum retrata fatos atemporais, que não estejam vinculados a um noticiário, segundo RAMOS (2010 apud XAVIER, 2017). Abaixo, a Figura 31 apresenta um exemplo de charge criada em meio aos acontecimentos da pandemia de covid-19 em 2020, ou seja, uma situação atual, e na Figura 32, um exemplo de cartum da personagem Mafalda, considerado atemporal.

Figura 31 - Exemplo de Charge referente a Pandemia de covid 19 em 2020, Bruno Galvão.



Fonte: Bruno Galvão.

Disponível em: <https://cutt.ly/6lXjXom>

Acesso em: 03 de setembro de 2020.

Figura 32 - Exemplo de Cartum, Mafalda.



Fonte: Blog notícias de Valinhos.

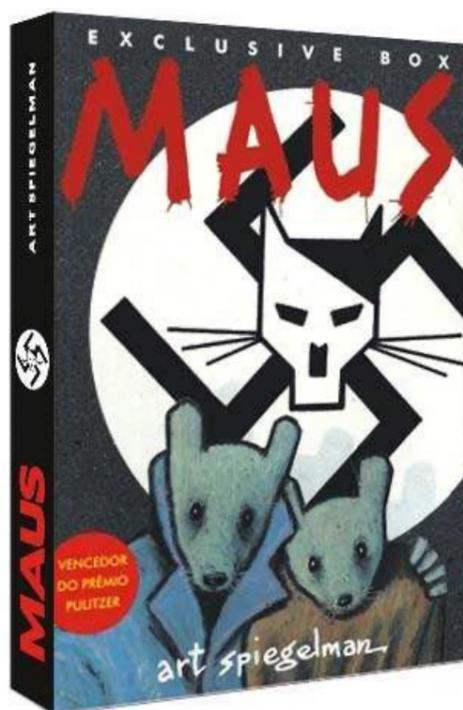
Disponível em: <https://cutt.ly/slXkhvs>

Acesso em: 03 de setembro de 2020.

- **Graphic Novel**

As *graphics novels* são quadrinhos que possuem uma narrativa mais longa e complexa, diferente dos quadrinhos populares com inúmeras edições, nas *graphic novels* encontramos histórias concisas em poucos volumes, porém com mais páginas, voltada em sua maioria ao público adulto. A qualidade do material impresso também é diferenciada, caracterizada por possuir maior refinamento em seu acabamento com capas duras ou cartonadas e páginas de papéis mais nobres do que o clássico papel jornal das HQ's convencionais. A seguir, na Figura 33 temos a capa da *graphic novel* Maus do autor Art Spiegelman.

Figura 33 - Capa da graphic novel Maus.



Disponível em: <https://cutt.ly/plXkRHi>

Acesso em: 04 de setembro de 2020.

- **Mangá**

Não apenas no ocidente que os quadrinhos possuem seu espaço, ao irmos para o lado do sol nascente mais especificamente no Japão, encontramos os mangás, de acordo com Luyten (2003, apud XAVIER, 2017) esse formato de quadrinhos ficou mais conhecido em lados ocidentais através da popularização de desenhos animados, os animês. Possui traços característicos e marcantes do estilo japonês de desenho, as histórias também possuem em sua maioria uma grande quantidade de

volumes lançados em sequência, semelhante as histórias em quadrinhos de superheróis do ocidente.

Figura 34 - Página do mangá Rurouni Kenshin.



Fonte: Medium.

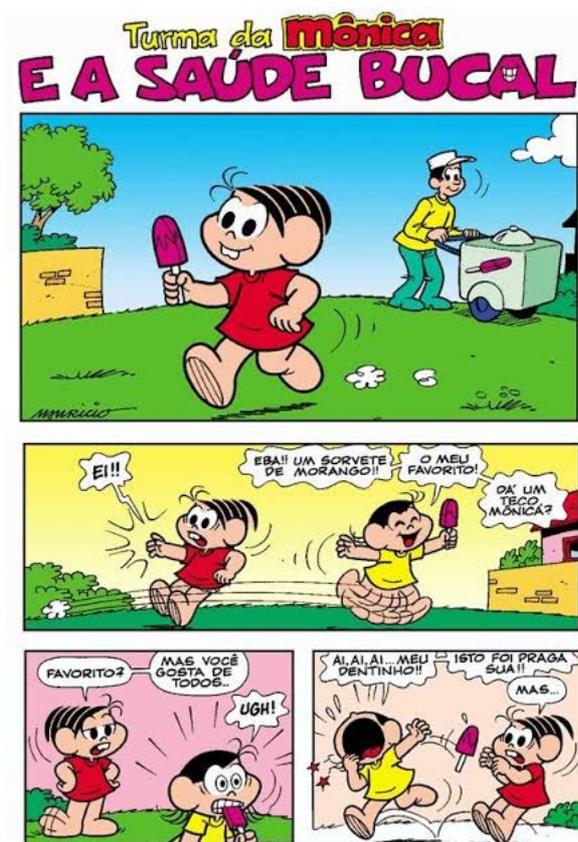
Disponível em: <https://cutt.ly/izLcDbz>

Acesso em: 04 de novembro de 2020.

- **HQ's**

As HQ's ou comics, como é chamada nos EUA, também conhecida como os clássicos gibis no Brasil, são narrativas mais breves geralmente com um personagem fixo, possuem espaço para uma história maior que as tirinhas por exemplo, porém de curta duração quando comparada às *graphic novels*.

Figura 35 -História em quadrinhos Turma da Mônica



Fonte: Pinterest.

Disponível em: <https://pin.it/ijYDATH>

Acesso em: 04 de novembro de 2020.

- **Tirinhas**

Outro gênero são as tirinhas, sendo esse diferenciado em três tipos, as cômicas, as seriadas e as seriadas cômicas. As tirinhas cômicas são histórias mais curtas de até quatro quadros, geralmente humorísticas; as tirinhas seriadas já apresentam maior liberdade em relação a quantidade de quadros, comumente apresentando pequenas partes de uma história maior, como em capítulos. As tirinhas cômicas e seriadas são a junção das características desses dois tipos, utilizando do humor e da narrativa série. As figuras abaixo apresentam exemplos dos 3 tipos, tiras cômicas, seriadas, e seriadas cômicas respectivamente. (XAVIER, 2017)

Figura 36 - Tirinha cômica em quatro quadros. Manticori,2020.



Fonte: Instagram pouco frame.

Disponível em: <https://cutt.ly/OIXKKBE>

Acesso em: 04 de setembro de 2020.

A tirinha acima foi criada pelo ilustrador recifense Manticori, que no seu perfil do Instagram “pouco frame”, cria tirinhas de 4 quadros satirizando alguma história da ficção, como filme, séries e jogos. Como o próprio nome do projeto já diz, a história se desenvolve em poucos frames, sem necessidade de continuidade ou explicação, nesse exemplo ele está satirizando a história do filme Star Wars.

Figura 37 - Tirinha seriada. Gabriel Dantas, 2020.



Fonte: Instagram bife de unicórnio.

Disponível em: <https://cutt.ly/yIXlrPo>

Acesso em: 04 d setembro de 2020.

A tirinha apresentada acima, na Figura 37, é um exemplo de tirinha seriada e foi criada pelo ilustrador natalense Gabriel Dantas. Essa é apenas um trecho de uma história maior que se completa a cada tirinha postada em seu perfil do Instagram, o humor não está presente nessa narrativa, se trata de uma história mais séria, pois a personagem principal está passando por uma situação de relacionamento abusivo, o qual ela está tentando resolver com a ajuda de uma amiga.

Figura 38 - Tirinha cômica seriada. Paulo Moreira 2020.



Fonte: Instagram Paulo Moreira.
Disponível em: <https://cutt.ly/2IXlf6Q>
Acesso em: 04 d setembro de 2020.

A tirinha da Figura 38, do ilustrador paraibano Paulo Moreira, é parte de uma história que foi contada em tirinhas postadas durante um período no perfil do Instagram do ilustrador, possui os elementos de uma tirinha seriada e também o humor cômico, nessa história satiriza os próprios leitores que por vezes não entendem suas tirinhas.

4.4 Tirinhas em Quadrinhos e suas diferentes funções

4.4.1 A importância das tirinhas como uma forma de difusão de ideias e críticas sociais

Apesar de as tirinhas terem como uma das suas principais características o humor, esse gênero pode apresentar diversas formas de expressão, de acordo com Marny (1970, apud NICOLAU 2008) as tirinhas americanas não tiveram medo de adentrar em todos os campos, tais como a metafísica, a sátira social e política, a psicanálise, atraindo a leitura, inclusive, dos intelectuais. A temática do cotidiano ancorada, geralmente, pelas circunstâncias da época sempre foi uma constante nas tirinhas (NICOLAU, 2008).

A grande popularização das redes sociais trouxe inovação na forma de apresentar tirinhas, sendo possível utilizar plataformas digitais com milhões de usuários, como por exemplo o aplicativo *Instagram*, que traz a possibilidade para os artistas de divulgar seus trabalhos com a possibilidade de grande visibilidade e compartilhamento de ideias.

O ilustrador Paulo Moreira, de João Pessoa na Paraíba, viralizou nas redes sociais após divulgar suas tirinhas retratando o cotidiano, críticas políticas e situações diversas de forma cômica. A Figura 39 é um exemplo de tirinha na qual ele apresenta uma crítica ao governo Bolsonaro no Brasil em 2020.

Figura 39 - Tirinha de Paulo Moreira, 2020.

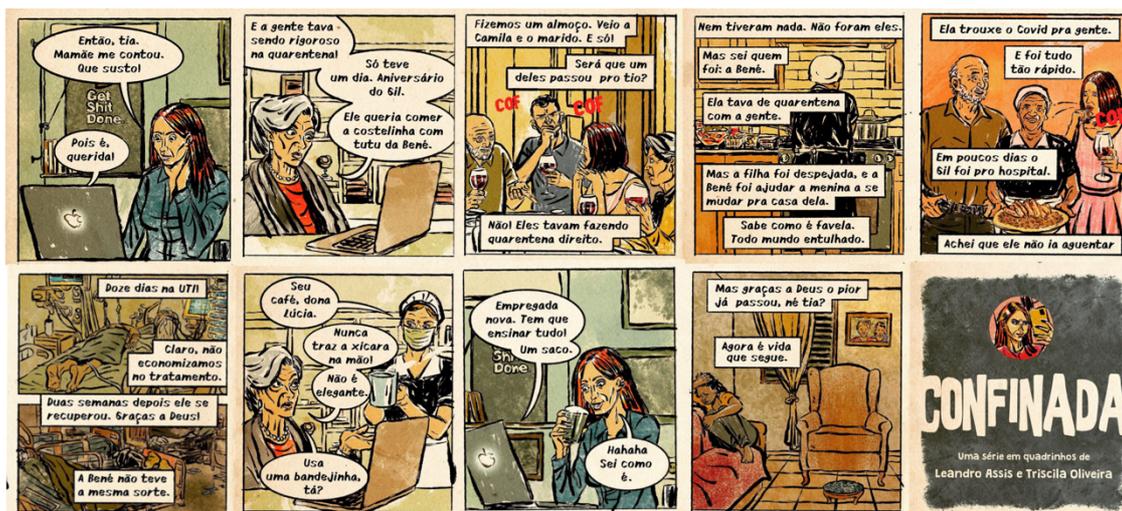


Disponível em: <https://cutt.ly/IIXIUN2>

Acesso em: 06 de setembro de 2020.

Outro ilustrador brasileiro que possui milhares de visualizações em seus trabalhos é o Leandro Assis, que utiliza muito do gênero de tirinhas seriadas para trazer a realidade nua e crua da nossa sociedade elitizada. Durante a pandemia do COVID-19, iniciou uma série de tirinhas em parceria com a escritora Triscila Oliveira, intitulada “confinada”, são histórias de 10 quadros em cada postagem, em que apresenta diferentes situações das mesmas personagens, todas com alto nível crítico. A seguir uma sequência de seus quadrinhos:

Figura 40 - Sequência de quadrinho da série de tirinhas “Confinada”.



Fonte: Leandro Assis.

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CCHvCzeJYy6/?igshid=nh0n6b9re0n>

Acesso em: 06 de setembro de 2020.

Com a afirmação de *Magalhães* (2006, apud *NICOLAU*, 2008, p. 3119): “A agilidade e imediatismo da tira fazem-nos crer que elas são imprescindíveis para a construção do pensamento de um país, quando elas não se dobras à massificação niveladora, quando se permitem à liberdade inventiva”, e com os exemplos apresentados acima, concluímos que as tirinhas são de extrema importância para sociedade, com a finalidade de gerar pensamento crítico, levando também informação para o público.

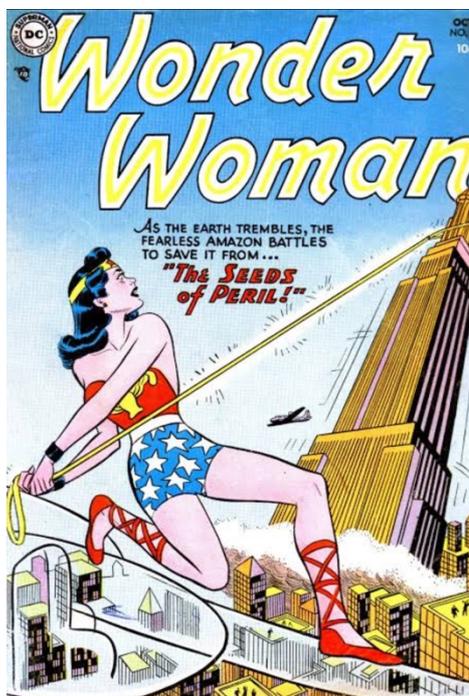
4.4.2 Os quadrinhos fundamentados na temática do feminismo

Os quadrinhos eram produzidos por homens e para homens, e as histórias de super-heróis traziam fortemente a desigualdade entre os gêneros, refletindo um mundo da supremacia masculina, onde o papel da mulher era de ser sempre submissa aos homens, apresentando o papel de mocinhas nas histórias ou como auxiliar do super-herói (*COLLIN, WESCHENFELDER*, 2011).

No entanto, as HQ's tinham como principal característica acompanhar os acontecimentos da época, durante a Segunda Guerra Mundial, o movimento feminista ganhou força nos Estados Unidos, as mulheres conquistaram o direito ao voto, escolaridade e trabalho. Em meio a esses eventos no início da década de 1940, surgiu um novo ícone das histórias em quadrinhos, dessa vez estampando

uma figura feminina diferente de todas as representações das histórias de super-heróis, foi criada a personagem Mulher- Maravilha, uma versão feminina do popular super-herói super-homem (Figura 41).

Figura 41 - Capa da HQ Mulher-Maravilha, 1942.



Disponível em: <https://cutt.ly/3IXICG9>
Acesso em: 07 de setembro de 2020.

Embora a Mulher-Maravilha não tenha sido criada por uma mulher, e sim pelo psicólogo William Moulton Marston, apresentava uma história concisa baseada nas amazonas da mitologia grega, transmitindo força e independência. Além disso, trouxe representatividade, sendo inclusive adotada por movimentos feministas. Apesar do meio dos quadrinhos ter sido considerado por muito tempo um universo exclusivamente masculino, na mesma medida que as mulheres na vida real começam a ganhar espaço na sociedade, nos quadrinhos elas ganham poderes como super-heroínas (COLLIN, WECHENFELDER, 2011).

Ainda que a inclusão de personagens femininas representando um forte papel nos quadrinhos tenha sido um grande passo para a visibilidade feminina perante a sociedade em diversos aspectos, por outro lado torna-se problemático devido a um grande estímulo em reproduzir padrões de beleza e também ressaltar a objetificação da mulher através de personagens sexualizadas, sendo frequente a construção de padrões físicos que constituíram as concepções do belo feminino (BOFF, 2014).

As questões de gênero no meio dos quadrinhos geram movimento até os dias de hoje, apesar de muitos avanços, ainda possui grande influência do seu histórico como um ambiente machista, sem oportunidade e espaço para destaque de quadrinistas mulheres ou fortes personagens femininas.

Dentre as produções de mulheres quadrinistas que ganharam certa notoriedade, podemos destacar *Brenda Starr*, personagem criada por Delia Messick, nos anos de 1940. Após a segunda guerra mundial, as mulheres começaram a ocupar mais espaço no mercado de trabalho, nessa época foi criada a personagem *Brenda Starr*, uma repórter que desejava se aventurar pela profissão jornalística, e devido ao período em que foi publicada, diversas mulheres de classe-média que saíam de casa para trabalhar se identificavam com a personagem. A artista Delia Messick, adotava um pseudônimo masculino, Dale Messick, para evitar problemas em suas publicações, em virtude das visões preconceituosas em relação ao trabalho feminino na área de quadrinhos (BOFF, 2014).

Figura 42 - Brenda Starr, 1940.



Fonte: Boff, 2014.

Desse modo percebemos a importância das mulheres, ainda hoje, buscarem por seu espaço em qualquer meio de trabalho que desejam, assim como utilizar dessas oportunidades para fomentar o feminismo, trazendo representatividade, além da necessidade do público feminino em valorizar a produção das mesmas. Logo, a produção das tirinhas a partir dessa pesquisa, tem

como objetivo colaborar para o meio dos quadrinhos femininos, ao ser desenvolvido por uma mulher, sobre, e para mulheres.

No capítulo a seguir, iremos abordar a metodologia utilizada para o desenvolvimento do questionário com as pelerinas, assim como a discussão e pontos importantes dos resultados para a elaboração do roteiro das tirinhas, produzidas como objeto final de todo o projeto, como também as etapas de criação e produção das mesmas.

5. METODOLOGIA

5.1 Metodologia de Pesquisa

A pesquisa aqui desenvolvida é de natureza aplicada (MARCONI e LAKATOS, 2003), pois possui como objetivo final desenvolver um produto a partir do estudo científico desenvolvido. Segue uma abordagem qualitativa por permitir maior liberdade na coleta de dados, visto que esse tipo de pesquisa depende de diversos fatores, “como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação” (GIL, 2002, p. 133), sendo assim, enquadra-se melhor em análise de grupos e dados mais subjetivos.

Segundo Gil (2002) as pesquisas classificadas como descritivas, tem como objetivo especificar as características de um determinado grupo ou população, podendo ser através de variáveis como: nome, idade, escolaridade, etc; como também o levantamento de opiniões, comportamentos e crenças de uma população. Nesta pesquisa identifica-se a descritiva com a finalidade de proporcionar uma nova visão do problema, e relacionar opiniões e comportamento dentre o grupo analisado.

A técnica utilizada para a coleta de dados, classifica-se como questionário e análise, sendo o questionário constituído por uma série de perguntas, aplicado a um grupo de pessoas, e respondidas por escrito sem a presença do entrevistador; deve constar em anexo a explicação da natureza da pesquisa, e a importância do retorno das repostas. A vantagem do procedimento para essa pesquisa, permite maior liberdade e segurança nas respostas por não possuir direto com o entrevistador, além de atingir um maior número de pessoas independente da localidade. Já a técnica de pesquisa bibliográfica, é utilizada ao longo de todo o referencial teórico, através de consultas e análises em livros, artigos e documentos (MARCONI e LAKATOS, 2003).

5.2 Metodologia Projetual: Escolha da metodologia

Para compreender de que forma o *Pole Dance* pode afetar a vida das mulheres que o praticam, sentimos a necessidade de elaborar um questionário, para coletar relatos de *polerinas* que vivenciam essas experiências. A aplicação desse questionário possui grande relevância para a análise de toda a pesquisa, na comparação dos resultados da prática com o referencial teórico.

Foi formulado um questionário básico, aplicado a um grupo de mulheres que praticam *pole dance* independente da localidade e idade, que irão descrever a sua relação com essa prática. A partir dessas informações, será possível analisar as diferentes realidades, entender situações que podem acontecer com praticantes da modalidade, e relacionar os pontos em comum nos relatos colhidos, se houver. Seguem abaixo as perguntas e o que esperávamos com cada uma.

As primeiras três perguntas são para informações básicas de identificação como, nome, idade, e cidade da participante; a seguir, questionamos há quanto tempo pratica *pole dance* e em quais modalidades está inserida, dessa forma esperamos situar a *polerina* na entrevista. A partir da sexta pergunta iniciamos a etapa mais importante, sendo elas apresentadas no quadro 01.

Quadro 1 - Perguntas do Questionário (do nº 6 ao 13)

6. Antes de iniciar nessa atividade, você tinha algum conhecimento de como eram as aulas? Relate qual era a sua percepção do Pole Dance antes.”	Ao saber qual era a visão das participantes antes de iniciar a prática do pole dance, conseguimos ter noção de como alguns leigos idealizam a prática, e analisar posteriormente o que mudou para elas após ter essa experiência.
“7. Você hesitou em começar o Pole Dance por achar que não era algo que você poderia fazer? Quais eram seus receios?”	Aqui esperamos saber quais inseguranças as polerinas tinham antes de iniciar a atividade, se eram inseguranças físicas em relação ao próprio corpo por exemplo, se havia receios a julgamentos externos, ou outras questões que poderiam ser relatadas, dessa forma é possível analisar também o que mudou.
“8. O que você considera de maior dificuldade nessa prática? (Acrobacias, coreografias, força; conte o porquê).”	Essa questão também tem como finalidade identificar inseguranças que as participantes possuem em relação aos seus corpos e a sua capacidade, e quais seriam suas possíveis zona de conforto.
“9. Caso você já tenha vivenciando alguma situação de constrangimento por praticar Pole Dance, e se sinta à vontade para relatar sobre, use esse espaço.”	Essa questão é uma das mais importantes deste questionário, pois aqui podemos colher diretamente que podem servir como referência para o desenvolvimento das tirinhas, ao ponto em que as entrevistadas podem relatar situações em que sofreram algum tipo de desrespeito, desprezo, e preconceito a partir de diversos meios.
“10. Você costuma tirar fotos ou gravar vídeos das suas aulas de Pole Dance? Se sim, qual a sua relação com estes materiais que você cria? Você expõe publicamente em redes sociais?”	Por vários motivos que já foram apresentados no decorrer desta pesquisa, as mulheres que praticam <i>pole dance</i> podem não querer expor o que fazem, no entanto, podemos encontrar uma variação de repostas entre as que gravam e publicam sem receios as suas performances, e as que não querem divulgar por vontade própria ou por algum tipo de pressão social. Sendo essa questão importante para identificarmos esses perfis.
“11. Quais as principais mudanças que o Pole causou na sua vida? Individualmente e socialmente.”	Aqui podemos comparar as respostas com questões anteriores, para analisarmos o que mudou desde quando iniciaram a atividade, se houve efeitos positivos ou negativos na vida das participantes.
“12. Você acredita que existe alguma relação do Pole Dance com o feminismo? Poderia explicar a sua resposta?”	Essa questão é importante para percebermos qual o posicionamento dessas mulheres em relação ao feminismo e de que forma elas relacionam o movimento prática do <i>pole dance</i> .
“13. O que você diria para mulheres que gostariam, mas ainda não tiveram coragem/iniciativa para fazer uma aula de Pole Dance?”	Ao recomendar algo positivamente para outra pessoa, podemos notar o quanto aquilo é relevante para quem está recomendando, dessa maneira, essa pergunta nos faz perceber o quanto as polerinas acham que vale a pena iniciar nessa atividade.

Fonte: A autora.

5.3 Passos metodológicos

O desenvolvimento da etapa prática do projeto é guiado pela metodologia do livro *Desenhando Quadrinhos*, de Scott McCloud (2008), em que o autor e quadrinista apresenta pontos essenciais para a criação de uma história em quadrinhos que possua uma narrativa clara e convincente, sendo essas

técnicas aplicada ao gênero escolhido para esse projeto, as tirinhas. Dentro dessa metodologia, Scott McCloud apresenta cinco tópicos principais: momento, enquadramento, imagens, palavras e fluxo. Cada ponto contém as seguintes características:

- **Momento:** Define a quantidade de quadros necessários para se transmitir a história sem que perca o sentido da ideia, assim como a decisão de qual cena será apresentada no quadrinho de forma eficiente para a história.
- **Enquadramento:** Serve para mostrar o que os leitores precisam ver da cena, existem inúmeras formas de mostrar uma mesma cena a partir de perspectivas diferentes, aqui iremos refletir sobre qual perspectiva é mais interessante para o público, em questão de ângulo, tamanho, distância, centralização da câmera, etc.
- **Imagens:** Apresentar claramente a aparência de personagens, objetos, ambientes e símbolos. De forma que seja fácil compreender as emoções e situações que estão acontecendo no decorrer da história.
- **Palavras:** Comunicar ideias, vozes e sons de maneira clara e persuasiva, podendo ser utilizado de todos os recursos literários e linguísticos existentes.
- **Fluxo:** Deixar a experiência do leitor mais intuitiva, em que consiga facilmente ser guiado pelos quadros a partir do arranjo e posicionamento de elementos dentro e fora dos quadrinhos.

O autor também aponta que não existe uma ordem correta para as etapas de desenvolvimento, você pode começar por esboços da história e só depois incluir os diálogos, a narração, e a arte final, como também pode começar por um roteiro escrito e a partir dele esboçar o layout e finalizar. Cada etapa dessas representa um ou mais dos cinco pontos principais destacados anteriormente.

Nesse projeto, foram desenvolvidas um conjunto de 5 tirinhas de quatro quadros cada, com histórias diferentes, conjunto definido devido ao tempo de produção deste trabalho, e por ser um número interessante para iniciar uma produção de acordo com a temática apresentada. No entanto, as tirinhas se encontram em um mesmo universo, pois possuem a mesma linguagem e características visuais, porém todas as etapas foram repensadas e adaptadas ao objetivo de cada história. Dessa forma, elas possuem a mesma temática, a mesma identidade visual, mas soluções diferentes para cada. As etapas para a criação seguiram a seguinte ordem: desenvolvimento das personagens, roteiro,

layout e arte final. Além desses pontos, também houve a necessidade de estabelecer o estilo do desenho e a paleta de cores.

Ainda sobre o mesmo livro, McCloud apresenta o cartum como um estilo que permite maior identificação do leitor com os personagens, pois a visão que temos de nós mesmos é tão simplificada quanto um cartum, como diz o autor “ao trocar a aparência do mundo físico pela ideia da forma, o cartum coloca-se no mundo dos conceitos.” (MCLOUD, p. 41, 1995). Em uma história com uma infinidade de detalhes de um realismo, a mensagem não é entregue de forma rápida e objetiva; sendo a intenção desse projeto que haja identificação do público e um foco maior na mensagem a ser transmitida, a escolha do estilo cartum foi a mais coerente.

A escolha das cores para as tirinhas, também parte de definições de McCloud, em que o autor expressa a importância das cores para o universo dos quadrinhos, e a diferença no impacto entre as aplicações, por exemplo, um quadrinho em preto e branco torna a mensagem mais direta e destaca mais o significado da história, já em um quadrinho com cores, as formas são mais significantes, por sua vez, os quadrinhos em cores também atraem mais os leitores. Em relação as tirinhas produzidas, a intenção é chamar atenção não apenas para a ideia transmitida, mas também para as formas das figuras femininas representadas, por isso a escolha das cores torna-se essencial, e serão tratadas nos tópicos a seguir.

5.4 Desenvolvimento das Tirinhas

5.4.1 Elaborando o Roteiro: uma discussão sobre o resultado dos questionários

A sociedade estruturada sob a fundação do patriarcado, que emana machismo, impõe padrões, oprime, reprime, desvaloriza e mata mulheres, nos leva a lutar por direitos básicos que homens brancos cis já possuem por seu privilégio. Os movimentos feministas surgem por todas as mulheres, a fim de se atingir a igualdade de gênero em diversos âmbitos sociais. Cada mulher possui uma realidade perante a sociedade, e a partir dessas vivências constrói-se diversos locais de fala, por exemplo, a luta de uma mulher negra e de uma mulher

branca terão suas especificidades distintas, devido a interseccionalidade das causas; portanto, é necessário abrir espaço de fala para cada uma delas. Baseado nessa premissa, houve a necessidade de aplicar um questionário para coletar dados de um grupo de mulheres praticantes de *pole dance*, em que cada uma pudesse relatar a sua realidade e vivência atrelada a essa prática.

Ao corpo feminino foi imposto regras, padrões e funcionalidades, tal qual um objeto, exclusivamente para o contentamento patriarcal. Sendo o *pole dance* em sua origem um pequeno espectro da satisfação masculina, advindo de cabarés e *strip clubs*, que possuía como finalidade usar o corpo da mulher como objeto de desejo, a transição da modalidade que antes fora estigmatizada, para o cotidiano de diversas mulheres pelo mundo, transformando-se em uma ferramenta de aceitação e autoconhecimento feminino, resultou em diversas situações de preconceito e machismo contra as mulheres que o praticam.

A dificuldade que a sociedade possui em aceitar a liberdade do corpo feminino sem julgar e regradar, ou associá-lo a finalidade de prazer masculino, nos leva a acontecimentos como os relatos a seguir. Iremos abreviar o nome das participantes para não as identificar nas repostas que iremos expor aqui.

A participante **C.** foi a primeira a trazer a modalidade de *pole dance* para o estado da Paraíba e conta que sofreu bastante preconceito nesse processo.

“fui eu que abri o primeiro estúdio de Pole na Paraíba e sofri muito preconceito. Muita gente achava que se tratava de prostituição e strip-tease, mas eu não ligava muito com o que os outros pensavam.”

Além de muitos deduzirem que qualquer escolha ou atitudes de uma mulher é um convite para invasão pessoal, como **H.** aponta em seu relato:

“Já fui chamada de vagabunda por um primo, entre diversas mensagens assediando no direct”.

O que nos faz pensar que nossos corpos nunca estarão realmente livres dentro do sistema vigente, a nudez e exposição da sexualidade feminina é um

presente ao patriarcado, porém a luta deve continuar para que nossa expressividade se torne independente.

Outros relatos também envolvem a descredibilização do *pole dance* como atividade física de alto rendimento, muitos veem como apenas uma dança sensual, que não demanda de esforço e energia como outros esportes. Como relata **F.**

“O espanto do fisioterapeuta que está tratando uma lesão que adquiri no pole. Depois disso, tenho evitado comentar com desconhecidos qual estilo de dança pratico e, se perguntam, digo que é dança contemporânea”

Por outro lado, também há participantes que relatam que nunca sofreram nenhum tipo de constrangimento em relação a prática, o que cria uma expectativa para acreditar que o estigma social do *pole dance* está mudando.

Os benefícios que a atividade proporcionou para as mulheres que o praticam, também é notável nas repostas recebidas, por unanimidade, os relatos apresentam melhora na autoestima, aspectos físicos e psicológicos, como nas respostas a seguir:

“Me ajuda a lidar com a ansiedade, me deixa mais segura, permite uma forma de eu me expressar e estou mais confiante no meu corpo e nas minhas capacidades. Isso influencia tbm as formas como me relaciono e como transito pela sociedade.” (F.)

“Individualmente: eu tinha o hábito de que quando as coisas começavam a ficar difíceis as abandonava. Estudos, esporte, relacionamentos entre outras coisas. Eu, simplesmente, me afastava. E o pole foi o primeiro que me desafiou a continuar. Depois dele finalizo todos os projetos que inicio. Socialmente: me sinto parte de uma comunidade. Como não estou morando em minha cidade natal o pole me permitiu ganhar uma família que me apoia e incentiva. E quanto ao

meu redor tudo se tornou mais gentil, dançante e passível de superações.” (P.)

“Melhora na autoestima, não sinto mais timidez ou vergonha para dançar, descobrir minha sensualidade.” (B)

Questionamos também se as participantes acreditam que exista relação do pole dance com o feminismo, todas concordaram que sim, há relação. Esse resultado é um reforço para todo o desenvolvimento dessa pesquisa, em um ambiente prático e real. Como nas respostas a seguir.

“Acredito que sim, pois quebra o tabu que o pole dancer é para dançar em casas noturnas e deixam de associar com strippers todas que praticam essa modalidade e que a mulher pode praticar o que quiser, exaltando a liberdade, melhorando a autoestima, autoconfiança e que toda mulher pode se sentir maravilhosa não ligando com o corpo se é gordinha ou magrinha. Eu acho o ambiente do pole dancer faz com que se sintam bem consigo mesmo é comum as mulheres desse meio exaltar uma a outra elevando a autoestima da colega.” (A.)

“Sim. É uma modalidade que bate de frente com os preconceitos da sociedade, que permite um espaço seguro para a mulher explorar suas potencialidades, que ela pode se encarar com pouca roupa independente do tipo físico e saber que não é ser gorda ou magra que vai fazê-la dançar bem ou mal, geralmente os estúdios são espaços acolhedores, de estímulo e que promovem o desenvolvimento de laços e amizades entre outras mulheres e pessoas com objetivos em comum. Até porque é difícil ver pessoas preconceituosas praticando pole dance.” (F.)

“Acredito que andem lado a lado. Um complementando o outro. Ambos se apoiam em causas relativas a expressão, liberdade e equidade. E uma mulher praticante de pole se empodera de várias formas e causas.” (P.)

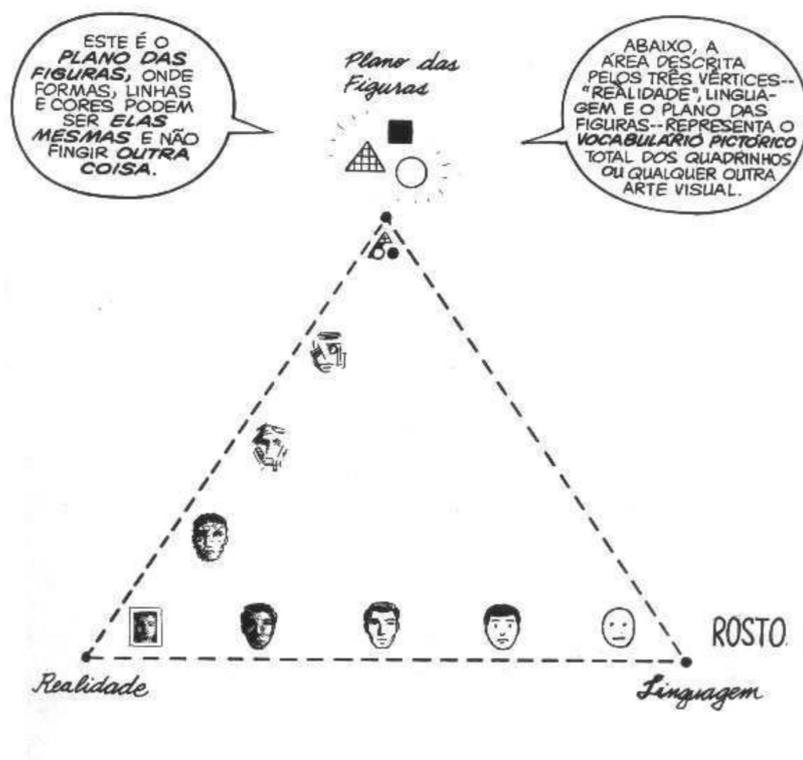
Portanto, com base nos relatos coletados, o desenvolvimento do roteiro das tirinhas será apoiado em duas abordagens, a visão crítica positiva e negativa sob a perspectiva social referente a prática do *pole dance*, e a relação das polerinas com o que esse meio lhes proporcionou benéficamente, com a finalidade de desmistificar a atividade, como também apresentar os pontos positivos e até incentivar possíveis futuras *pole dancers*.

5.4.2 Criação das Personagens

O principal objetivo do desenvolvimento das tirinhas é expor os pontos discutidos no decorrer desse estudo, dessa maneira, é necessário que a atenção do leitor seja voltada para as situações abordadas, portanto é interessante a escolha de um estilo de arte simplificada, que não possua tanta complexidade em seus detalhes, como o *cartum*. Como sugere Scott McCloud (1995), além de o estilo *cartum* causar maior identificação do leitor com os personagens, a mensagem transmitida por ele se torna mais efetiva pois captamos apenas o necessário de toda composição presente; esse tipo de abordagem pode ser uma ferramenta eficaz em diversos meios de comunicação. O autor exemplifica essa relação devido a percepção que temos de nós mesmo, ao pensarmos no nosso próprio rosto sem visualizá-lo. Obtemos uma imagem mental pouco nítida com uma vaga ideia de elementos que o compõem, algo tão simples e básico quanto um *cartum*.

Apresentamos a seguir a pirâmide de estilos de McCloud (Figura 43), para entendermos melhor como atuam os estilos. No topo estão as formas geométricas básicas (círculo, quadrado e triângulo) que representam as imagens abstratas e na base, da esquerda para a direita, imagens hiper-realistas (fotográficas) que vão se simplificando e estilizando. Nesse ponto, aproximamos do estilo desenvolvido para as tirinhas, mais próximo da linguagem entre a abstração icônica e a representação gráfica mínima que comunica o essencial.

Figura 43 - Pirâmide de Estilos de Scott McCloud.



Fonte: Desvendando Quadrinhos, Scott McCloud (1995).

Como protagonistas das tirinhas desenvolvidas nesse projeto, foram criadas três personagens principais que possuem papel fundamental para a representação de realidades femininas distintas, principalmente diversidade de características físicas, para além de atingir identificação com um público diverso, também fazer refletir sobre os estereótipos de padrão de beleza presentes em nossa sociedade. A contextualização da história e personalidade de cada personagem foi inspirada no perfil das participantes do questionário discutido no tópico anterior.

Para o desenvolvimento das personagens, seguimos as técnicas de McCloud (2008), definida por três elementos principais para essa etapa de criação nos quadrinhos, sendo eles: **uma vida anterior, distinção visual e traços expressivos**.

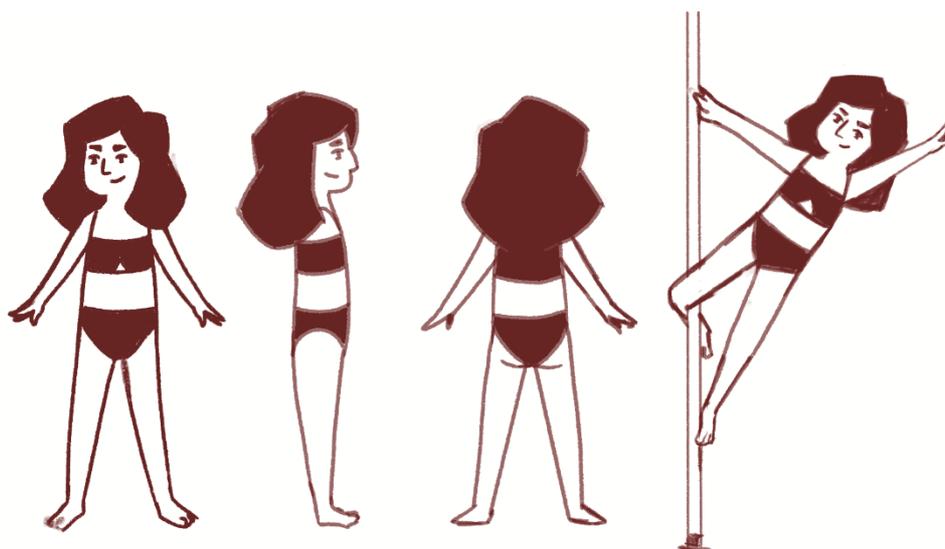
Criar **uma vida anterior** consiste em elaborar a personalidade das personagens de forma que a sua profundidade esteja acordo com a complexidade da história; a **distinção visual** caracteriza as personagens a partir da forma, o design através das silhuetas é muito relevante para esse aspecto; os

traços expressivos representam a personalidade de cada personagem, por suas particularidades, como forma de agir, manias, expressões faciais, etc. No caso das tirinhas faremos uma breve apresentação com pontos importantes sobre cada protagonista, envolvendo aspectos emocionais, motivacionais e inseguranças. A seguir iremos apresentar a ficha técnica de cada personagem, baseado nesses três principais aspectos.

5.4.2.1 História e apresentação das personagens

- **Aninha:** Começou a praticar pole dance após uma amiga próxima insistir bastante, pois ela não tinha a menor ideia do que se tratava, além do que conhecia através de filmes que assistiu. Acreditava que não seria uma atividade para ela, principalmente por não se enxergar dentro do que a sociedade considera o padrão da feminilidade e sensualidade, se achava muito magra, sem curvas, as vezes até masculinizada. No início não contou para ninguém sobre as aulas que começou a frequentar, porém depois de um tempo, criou confiança para se expor até nas redes sociais, e também começou a se valorizar cada vez mais.

Figura 44 - Model Sheet da Personagem Aninha.

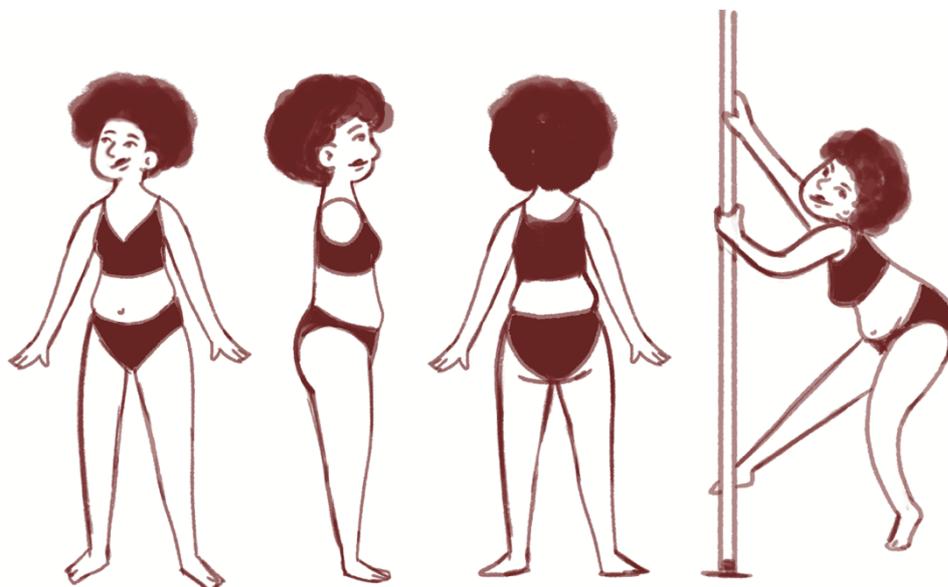


Fonte: A autora.

- **Tatá:** Apesar de sempre muito carismática e extrovertida, Tatá possui certas inseguranças, mas não se permite abalar, e logo lembra do que é capaz.

Iniciou no *pole dance* por achar que seria ótimo um novo desafio, através da dança transmite sua força em diversos âmbitos da vida, e desde então se propôs a mostrar para todos que alcançar, os aspectos positivos do *pole*, não cedendo a nenhum tipo de provocação ou tentativa de desvalorização da sua arte.

Figura 45 - Model Sheet Tatá.



Fonte: A autora.

- **Lu:** O pole dance foi uma grande questão pra Lu que apesar de muito confiante, sempre que pensava em iniciar um esporte se sentia desconfortável por lembrar das pressões estéticas que a maioria desses meios possui. Ambientes esportivos em geral não são acolhedores para pessoas gordas. Lu encontrou no *pole dance* um espaço acolhedor, ainda que muitas vezes passe por diversas situações inconvenientes relacionadas a gordofobia, ela busca mostrar com leveza para várias outras mulheres, através do *pole*, as possibilidades e a capacidade de seus corpos.

Figura 46 - Model Sheet Lu.

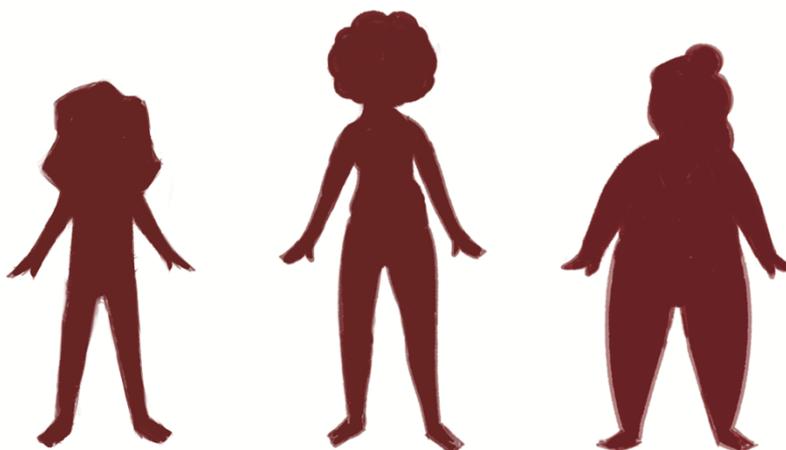


Fonte: A autora.

5.4.2.2 Distinção Visual e Traços Expressivos

A distinção visual é essencial para haver contraste entre o design de cada personagem para que sejam facilmente identificadas. É importante que exista variação na forma geral das silhuetas, para que sejam reconhecidas mesmo sem apresentar grandes detalhes, como mostrado na Figura 47.

Figura 47 - Distinção visual entre as três personagens principais



Fonte: A autora.

A expressividade da personagem é essencial para enriquecer a sua personalidade, a forma como cada uma expressa suas emoções, linguagem corporal, e padrões de fala. Nas Figura 48 temos um exemplo da expressão facial de cada uma para quatro emoções diferentes: alegria, raiva, tristeza e espanto.

Figura 48 - Da esquerda para direita expressões faciais das personagens, Aninha, Lu e Tatá.



Fonte: A autora

Outras características de expressividade de cada personagem que podemos destacar estão relacionadas a comportamento e individualidades de cada uma. Assim como McCloud (2008) sugere, esses aspectos podem se desenvolver ao longo das histórias, no caso das tirinhas, cada situação apresentada pode trazer à tona novos traços dessas personalidades. Nas figuras a seguir, temos exemplos das características principais de cada personagem.

Figura 49 - Traços Expressivos Aninha



Fonte: A autora.

Figura 50 - Traços Expressivos Tatá



TATÁ
33 ANOS
- CARISMÁTICA
- EXTROVERTIDA

SEMPRE TEM A
ÚLTIMA PALAVRA.

Fonte: A autora.

Figura 51 - Traços Expressivos Lu



LU
27 ANOS
- CONFIANTE
- MEIGA

MUITO PACIENTE
COM AS PESSOAS

Fonte: A autora.

5.4.2.3 Desenvolvimento do Roteiro e Layout

Foram desenvolvidas cinco tirinhas com cinco pontos que nortearam o que foi abordado em cada uma, definidos a partir das discussões expostas no decorrer desse estudo, além dos relatos coletados através do questionário, sendo eles: **assédio, desvalorização, estereótipo de feminilidade, empoderamento e gordofobia**. A seguir iremos discutir o roteiro de cada história e apresentar o esboço dos layouts.

Para o tema sobre **assédio**, a ideia foi utilizar da abordagem de como alguns homens imaginam a mulher como apenas um objeto de prazer. Na tirinha da figura 52, um personagem genérico (homem) aborda Aninha já sabendo que ela é *pole dancer*, a deixando constrangida ao pedir para ela mostrar um vídeo dançando, como se tivesse liberdade ou intimidade para agir com ela dessa forma. Mesmo Aninha demonstrando desconforto, o homem insiste e ainda questiona de forma irônica ao dizer que ela não deveria ser envergonhada por ser *pole dancer*. Quando Aninha resolve sair de cena, ele ainda solta mais uma frase inconveniente referindo-se a uma apresentação particular que ele gostaria que ela fizesse. Na concepção desse personagem, seria esse o único motivo pelo qual ela faria *pole dance*, da perspectiva de que a mulher tem que servir ao homem, esse tipo de situação não se restringe a casos isolados como o apresentado na tirinha sendo, infelizmente, comum a realidade de muitas mulheres, ainda que em cenários distintos o teor se mantém.

- Roteiro Tirinha Assédio (Figura 52)

Quadro 2 - Roteiro da tirinha sobre Assédio

<p>Quadro 1</p> <p>Personagem secundário (Homem genérico): Então você é pole dancer?</p> <p>Aninha: Sou sim!</p>	<p>Quadro 2</p> <p>Personagem secundário (Homem genérico): Mostra um vídeo seu dançando aí!</p> <p>Aninha: então, eu não...</p>
<p>Quadro 3</p> <p>Personagem secundário (Homem genérico): Ah, vai dizer que tem vergonha?</p> <p>Aninha: Não me sinto confortável...</p>	<p>Quadro 4</p> <p>Personagem secundário (Homem genérico): Bora sair um dia então ai você me mostra pessoalmente hehehe</p> <p>Aninha: Babaca!</p>

Fonte: A autora.

Figura 52 - Tirinha sobre assédio.



Fonte: A autora.

A desvalorização da prática do *pole dance* ainda perdura do seu estigma histórico muitas vezes visto apenas como uma dança sensual e por ser praticado majoritariamente por mulheres, associa-se a uma atividade fraca que não exige esforço físico e alto desempenho, mesmo que não seja a realidade, apresentado na tirinha do Figura 53.

- **Roteiro Tirinha Desvalorização (Figura 53)**

Quadro 3 - Roteiro da tirinha sobre desvalorização

<p>Quadro 1</p> <p>Médico: Pronto! Agora é só repousar...</p> <p>Tatá: Poxa, não vejo a hora de voltar a treinar.</p>	<p>Quadro 2</p> <p>Médico: Qual esporte você faz mesmo?</p> <p>Tatá: Faço pole dance!</p>
<p>Quadro 3</p> <p>Médico: HAHAHAHA sério? Não sabia que era possível se lesionar rebolando num poste!</p>	<p>Quadro 4</p> <p>Tatá: E eu não sabia que um médico poderia ser tão inconveniente...</p>

Fonte: A autora.

Figura 53 - Tirinha Desvalorização



Fonte: A autora.

- A tirinha da

Figura 54 foi inspirada em uma resposta do questionário aplicado nesse estudo (já abordado na discussão dos questionários), em que a participante relata que sofreu uma lesão durante um treino de *pole* e o fisioterapeuta que a tratou reagiu com desdém ao descobrir a origem da lesão, a deixando tão desconfortável que a partir do ocorrido ela não comenta mais com desconhecidos sobre a sua atividade, apenas diz que faz dança contemporânea. Percebemos a partir de um relato real, que esse tipo de desvalorização pode causar grande constrangimento, sendo válido de destaque.

O conceito de feminilidade imposto na sociedade exclui muitas mulheres que não se encaixam nesse padrão afetando-as de diversas formas. O *pole dance*, considerado por muito tempo uma prática erótica, pode afastar aquelas que não se consideram femininas o suficiente, e acham que não possuem desenvoltura, sensualidade, curvas, etc. Notamos através dos relatos obtidos pelo questionário, que muitas participantes achavam que era necessário possuir essas características consideradas femininas e sensualizadas para iniciar a prática.

A tirinha a seguir representa a relação da mulher com o próprio corpo e a insegurança antes de iniciar uma aula de *pole dance* por se considerar completamente fora de um padrão, e no fim ela percebe de forma mais cômica que existem o *pole dance* envolve também outros atributos que não apenas a dança erótica, mas também movimentos de força por exemplo. Essa diversidade de abordagens do *pole* permite um leque de possibilidades para as polerinas.

- **Roteiro da Tirinha Feminilidade (**
- **Figura 54):**

- Quadro 4 – Roteiro da Tirinha sobre Feminilidade

<p>Quadro 1</p> <p>Aninha: Não sei como inventei isso. Aula de Pole dance?</p>	<p>Quadro 2</p> <p>Aninha: Como que vou sensualizar qualquer coisa com esse corpinho que não tem uma curva?</p>
<p>Quadro 3</p> <p>Aninha: Mas também se eu não valorizar essa bundinha que me acompanhou a vida toda... vamos lá!</p>	<p>Quadro 4</p> <p>Aninha: Gente, mas cadê a parte de sensualizar?</p>

- Fonte: A autora.

Figura 54 - Tirinha Feminilidade



Fonte: A autora.

O empoderamento feminino muitas vezes é associado e diminuído por mentes conservadoras a sexualização de mulheres que exercem a luta pela liberdade de seus corpos, sendo o movimento feminista reduzido a uma falsa ideia e má interpretação dessas ações em conjunto com o julgamento da sociedade que reprime mulheres que buscam por seus direitos. O *pole dance* tornou-se uma atividade muito procurada por mulheres resultando em um meio comumente de apoio coletivo entre as praticantes, sendo muitas vezes o único ambiente em que elas possuem liberdade, segurança e ainda compartilhar experiências. Na tirinha da Figura 55 que apresentamos duas situações, a primeira demonstra ironicamente como muitos imaginam que seja a motivação de mulheres que fazem pole, com a única intenção de postar fotos das suas bundas na internet para “acabar com o machismo”, a outra situação demonstra como é na realidade, mulheres dando apoio a outras, enquanto processo de aceitação.

- Roteiro da Tirinha Empoderamento (Figura 55)

Quadro 5 - Roteiro da Tirinha Empoderamento.

<p>Quadro 1</p> <p>“Como associam o pole dance ao feminismo”</p>	<p>Quadro 2</p> <p>Aninha: Isso meninas! A aula de hoje rendeu muitas fotos da nossa bunda para lutarmos contra o patriarcado!</p>
<p>Quadro 3</p> <p>“Como realmente é (ou deveria ser)”</p>	<p>Quadro 4</p> <p>“Uma rede de apoio feminino”</p>

Fonte: A autora.

Figura 55 - Tirinha Empoderamento



Fonte: A autora.

- A quinta tirinha envolve uma questão não apenas de aceitação, mas também de gordofobia. Um ponto que foi bastante discutido no decorrer desse estudo foi sobre a diversidade que o *pole dance* alcança. Ainda que não se possa afirmar que todos os ambientes de *pole* são livres de preconceitos, podemos considerar como sendo um esporte mais acolhedor do que os convencionais. Inspirado no perfil do instagram do coletivo Pole Gordas (@polegordas), que busca lutar contra gordofobia dentro e fora do *pole* e desmistificar corpos gordos, foi criada a tirinha da

Quadro 6 - Roteiro da Tirinha sobre Gordofobia

Quadro 1	Quadro 2
Lu: Sempre me perguntam...	Lu: ...se o pole me aguenta...
Quadro 3	Quadro 4
Lu: Sim!	Lu: O pole me aguenta! E o seu preconceito?

Fonte: A autora.

Figura 56 para mostrar que existem pessoas gordas que praticam *pole dance*, independente do preconceito ainda existente.

- Roteiro da Tirinha Gordofobia (
-
- **Quadro 6 - Roteiro da Tirinha sobre Gordofobia**

Quadro 1	Quadro 2
Lu: Sempre me perguntam...	Lu: ...se o pole me aguenta...
Quadro 3	Quadro 4
Lu: Sim!	Lu: O pole me aguenta! E o seu preconceito?

Fonte: A autora.

- Figura 56)

Quadro 6 - Roteiro da Tirinha sobre Gordofobia

Quadro 1	Quadro 2
Lu: Sempre me perguntam...	Lu: ...se o pole me aguenta...
Quadro 3	Quadro 4
Lu: Sim!	Lu: O pole me aguenta! E o seu preconceito?

Fonte: A autora.

Figura 56 - Tirinha Gordofobia



Fonte: A autora.

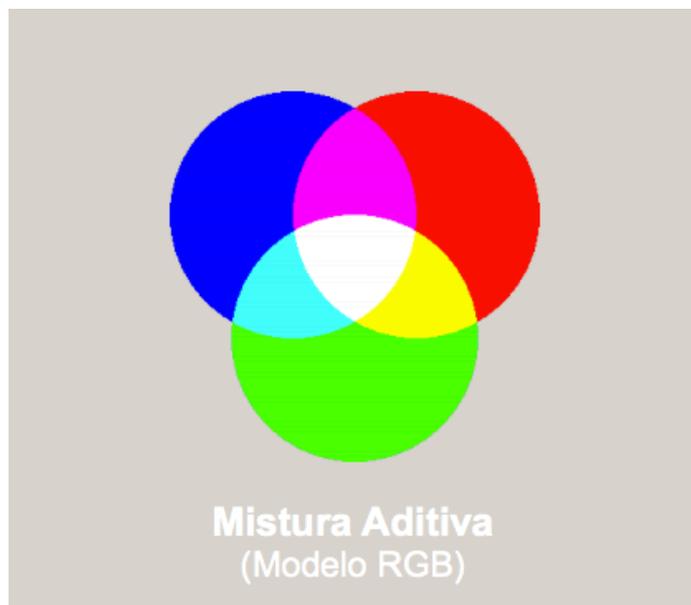
5.4.2.4 Cores e arte final

A primeira questão resolvida em relação a paleta de cores das tirinhas foi a decisão de se os quadrinhos teriam cores ou seriam em preto e branco. De acordo com McCloud (2008) existe uma grande diferença entre essas duas opções, que podem afetar profundamente o nível de experiência do leitor. Embora quadrinhos em preto e branco entreguem a mensagem de forma mais direta, pois o significado da ideia transmitida se torna mais chamativo do que a arte, os quadrinhos em cores dão mais destaque as formas e transmitem sensações que só cores são capazes de atingir, dessa forma sendo mais atrativo ao público. Devido a essência das tirinhas com o objetivo de trazer não apenas a mensagem, mas também destaque as formas físicas das personagens, optamos por escolher uma paleta de cores.

As tirinhas foram produzidas digitalmente para serem divulgadas também em meios digitais, sendo assim usamos o padrão RGB de cores do programa gráfico Procreate. Segundo Rocha (2010, p. 8) "O RGB também é conhecido como

sistema de Cor-Luz e trabalha por adição, ou seja, se somarmos as três cores básicas nas proporções corretas, obteremos a cor branca”, sendo as 3 cores básicas o vermelho, verde e azul, usado para fontes de luz como monitores, lanternas, scanners, etc; (NOROGRANDO, 2021)

Figura 57 - Modelo RGB

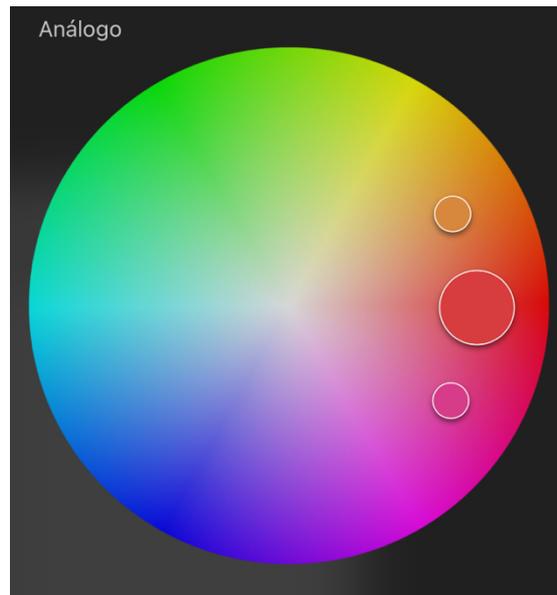


Fonte: Norogrand, 2021

Utilizando a teoria do círculo cromático para definir cores que possuam harmonia entre si, escolhemos a combinação de três cores análogas (

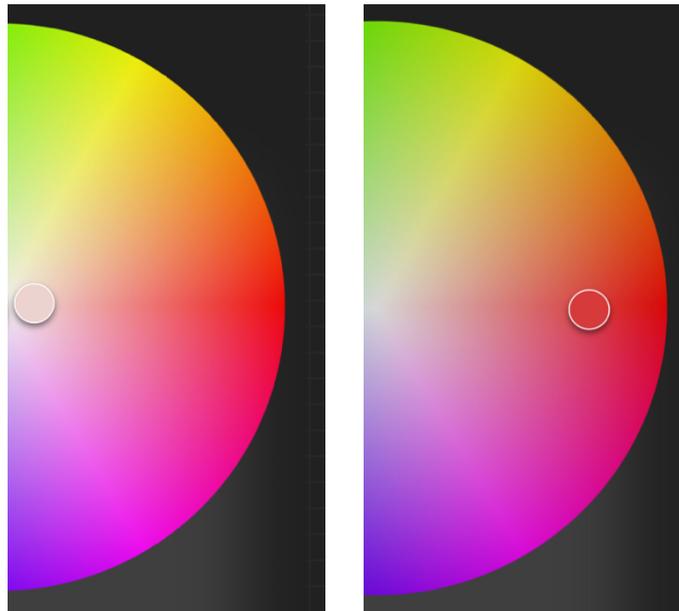
Figura 58), que são um conjunto de cores vizinhas, e a partir de uma das cores desse grupo adicionamos branco para chegar a um tom mais iluminado (Figura 59), e também adicionamos uma cor complementar (Figura 60) para obter contraste, chegando ao resultado da paleta de cores da Figura 61. (SILVEIRA, 2015)

Figura 58 - Círculo Cromático Programa Procreate – Cores Análogas



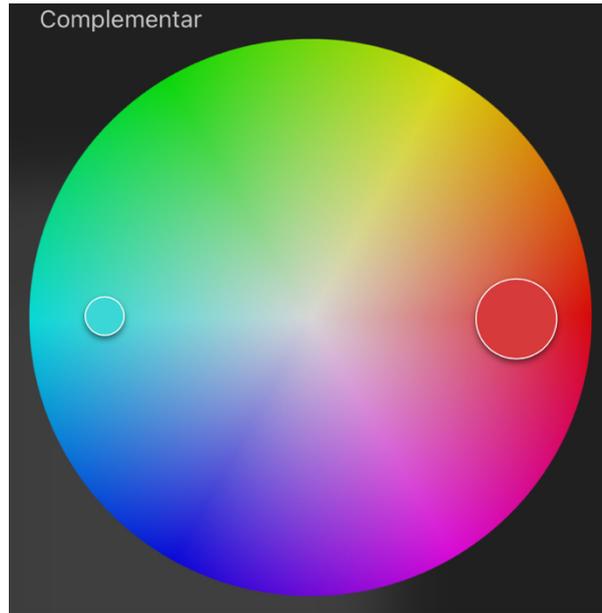
Fonte: A autora

Figura 59 - Círculo Cromático Programa Procreate – Tom iluminado vs Cor base



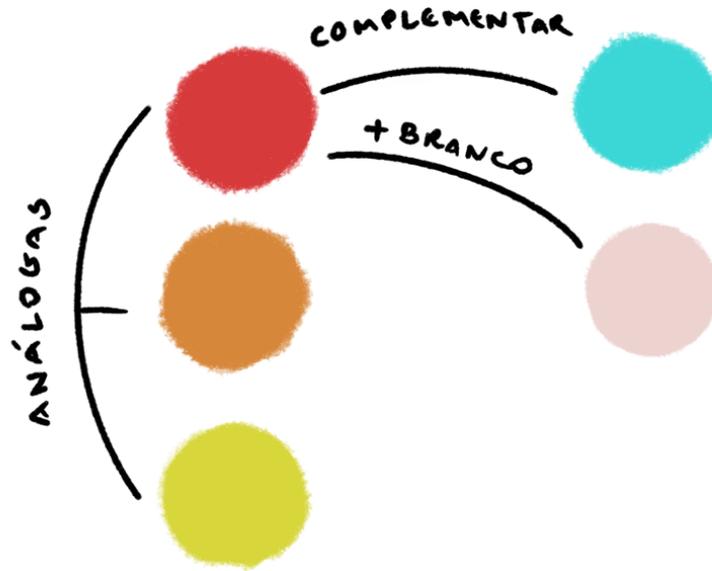
Fonte: A autora.

Figura 60 - Círculo Cromático Programa Procreate – Cor Complementar



Fonte: A autora.

Figura 61 - Resultado da Paleta de Cores Final.



Fonte: A autora.

Além da paleta de cores base, houve a necessidade de escolher uma paleta neutra secundária para as características físicas de cada personagem protagonista, como pele e cabelo, apresentado na Figura 62.

Figura 62 - Paleta de Cores de Pele e Cabelo das Personagens.



Fonte: A autora.

De acordo com Scott McCloud (2008), as palavras podem ser uma grande aliada para os quadrinhos ao complementar a história que está sendo contada. Sendo os textos destacados por balões de fala que podem assumir diversas formas e composições na cena em que está inserido. A escolha do formato para o texto apresentado nas tirinhas, se enquadra na categoria intitulada por McCloud (2008) como “paralela”, em que as palavras e imagens seguem trilhas diversas, sem intersecção.

A tipografia presente nas tirinhas caracteriza-se por ser uma tipografia em caixa feita à mão, escolhida por manter o mesmo aspecto do traço dos desenhos autorais e para transmitir descontração.

As figuras abaixo apresentam o resultado final de cada tirinha, de forma que houveram modificações dos esboços e roteiros iniciais até a finalização: Figura 63 - Tirinha Assédio, Figura 64 - Tirinha Desvalorização, Figura 65 - Tirinha da Feminilidade, Figura 66 – Tirinha Empoderamento, Figura 67 – Tirinha Gordofobia.

Figura 63 - Tirinha Assédio.



Fonte: A autora.

Figura 64 - Tirinha Desvalorização.



maluzicas.

Fonte: A autora.

Figura 65 - Tirinha da Feminilidade.



maluzicas.

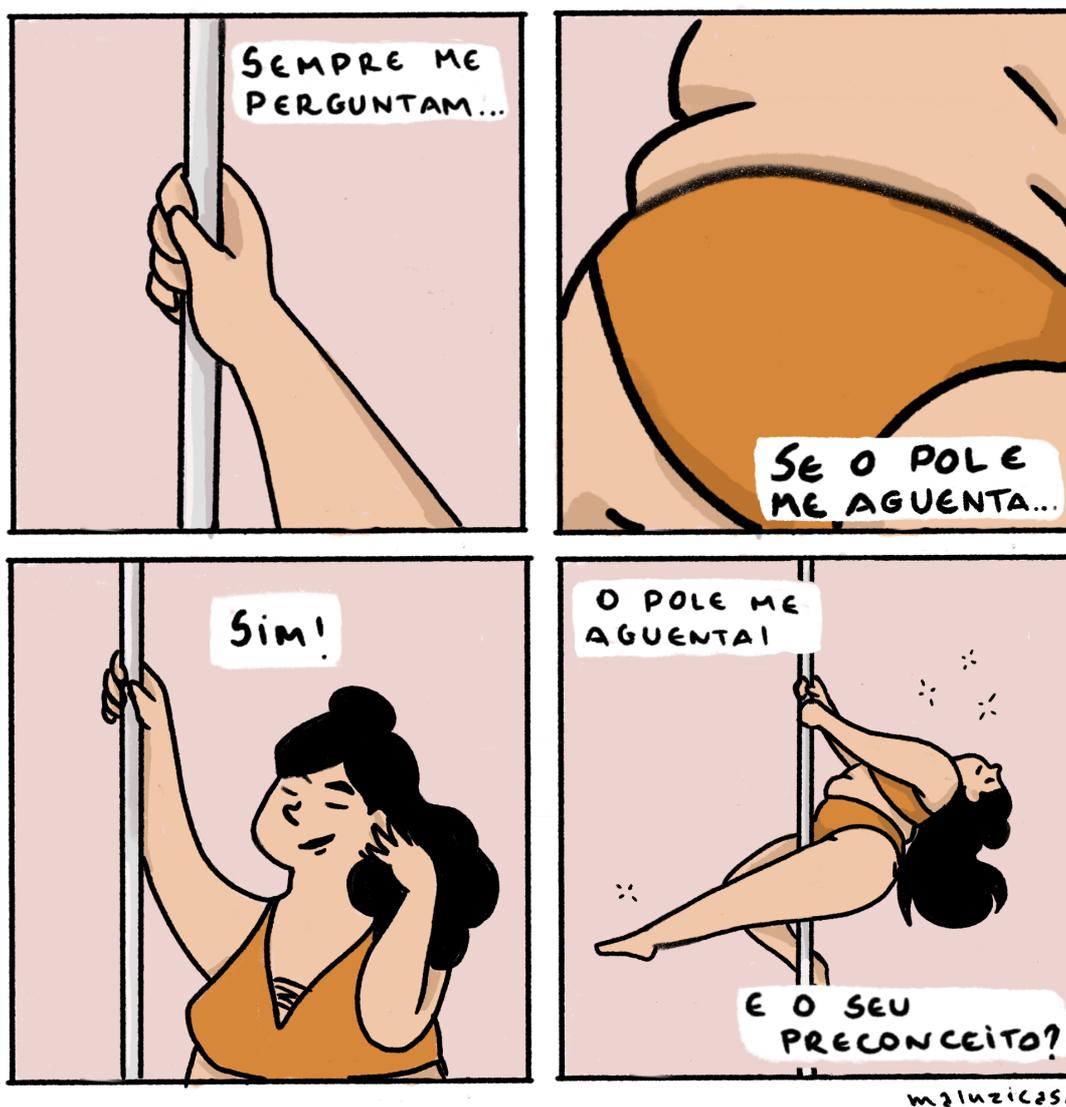
Fonte: A autora.

Figura 66 - Tirinha Empoderamento.



Fonte: a autora

Figura 67 - Tirinha Gordofobia.



Fonte: a autora

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado desse projeto atingiu seu objetivo principal, cumprindo com o desenvolvimento prático das tirinhas que retratam cenários comumente experienciados por *pole dancers*. A partir do questionário aplicado às polerinas, percebemos que os conteúdos abordados em relação a problemática apontada foram validados pela amostra coletada, fundamentando os tópicos principais a serem tratados no roteiro das tirinhas, mantendo coerência nas questões apresentadas no decorrer do estudo.

O tema se tornou cada vez mais relevante ao percorrermos por diversos aspectos relacionados ao estigma marginalizado do *pole dance*, expondo também a importância dos movimentos feministas e de peças gráficas que contribuem para ações sociais. Sendo

as tirinhas uma forma de contribuir e levar a público percepções de quem pratica a modalidade e a sua relação com pautas feministas.

A contínua popularização do *pole* dance resulta no aumento da quantidade de mulheres interessadas em ingressar na atividade, embora haja essa contínua propagação, as polerinas ainda precisam enfrentar diversos julgamentos sociais como consequência do machismo instalado na nossa sociedade. Dessa maneira, a conscientização em diversos formatos para que haja maior alcance a um público diverso se torna extremamente necessária, para que mulheres possam cada vez mais exercer a atividade em segurança e livre de preconceitos.

A criação de três personagens femininas distintas, das características físicas à personalidade, gera um maior alcance na identificação com o público abordado, pois além de trazer representatividade, também mostra a realidade que vai muito além de um padrão de beleza imposto.

Esse projeto foi um estudo inicial com projeção para dar continuidade ao desenvolvimento de mais séries de tirinhas, utilizando como plataforma de publicação as redes sociais, a fim de gerar engajamento (seja ele negativo, ou positivo), disposto também ao aperfeiçoamento das ideias e resultados aqui apresentados. A assinatura presente nas tirinhas, representada pelo apelido de maluzicas, abreviação de Maria Luisa e trocadilho com a palavra “zica”, representa o interesse em dar seguimento a essa série no meu perfil da rede social Instagram dedicado a ilustrações e tirinhas. Este trabalho inicia uma nova série de produções e incentiva compreender novas pautas sociais que podem ser abordadas nesse formato de linguagem.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Zina. **Luta das mulheres pelo direito ao voto: movimentos sufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos**. História, Universidade dos Açores, Arquipélago Açores, 30f. 2002. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10400.3/380>> Acesso em: 06 de fevereiro. 2021

ACHÔA, Júlia de Freitas. **A mulher escarlate: Uma exposição sobre empoderamento da mulher em espaços urbanos através do pole dance**. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Design, UFSC, Florianópolis, 144f. 2019. Disponível em:< <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/202421>> Acesso em: 10 de março. 2020.

AZEVEDO, Rafaela Pereira de. **Design de Ativismo na quarta onda do feminismo no Brasil: análise da poética gráfica de alguns coletivos**. Dissertação de Mestrado em Artes Visuais, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 139 f. 2020. Disponível em: < <http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/6870>> Acesso em: 12 de fevereiro. 2021.

BAHRI, Jacenta. **“Fun, Fitness, Fantasy”: Consuming Pole Dancing Classes as an “Empowering” Gendered Leisure Practice**. University of Manitoba, Manitoba, v. 30, 2012. Disponível em: < <https://www.scribd.com/document/271885401/Fun-Fitness-Fantasy>> Acesso em: 12 de fevereiro. 2021.

BOFF, Ediliane. **De Maria a Madalena: Representações Femininas nas Histórias em Quadrinhos**. Doutorado – Interfaces Sociais da Comunicação, USP, São Paulo, 320 f. 2014. Disponível em: < <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-20052014-123753/pt-br.php>> . Acesso em : 12 de março de 2021.

CAMARGO, Mariana. **A mulher e o direito: evolução, lutas e atualidade**. TCC (Graduação) – Curso de bacharelado em Direito, UniEvangélica, Anápolis, 35 f. 2020. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/handle/aee/16869> Acesso em: 06 de fevereiro. 2021.

CHIMAMANDA, Ngozi Adichie. **Sejamos todos feministas**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 1-77

D’ANGELO, Helô. Grupo anônimo que denuncia machismo na arte, Guerrilla Girls traz performance ao Masp. **Revista Cult, UOL, 2017**. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/guerrilla-girls-no-brasil-masp/>> Acesso em: 15 de fevereiro. 2021

DIMLER, et al. **“I Kinda Feel Like Wonder Woman”: An Interpretative Phenomenological Analysis of Pole Fitness and Positive Body Image”**. Journal of Sport & Exercise Psychology. 2017. v 39. 339-351. Disponível em: < <https://doi.org/10.1123/jsep.2017-0028>> Acesso em: 03 março. 2020.

DINSDALE, Emily. **The Power of Barbara Kruger’s Art, in her own words**. Dazed Digital, 2020. Disponível em: < <https://www.dazeddigital.com/art-photography/article/48055/1/the-power-of-barbara-krugers-art-in-her-own-words>> Acesso em: 15 de fevereiro. 2021.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

EISNER, Will. **Narrativas Gráficas**. 1 ed. São Paulo: Devir, 2005.

FELGUEIRAS, Ana Cláudia M. Leal. **Breve Panorama Histórico do Movimento Feminista Brasileiro. Das Sufragistas ao Ciberfeminismo.** Revista Digital Simonsen, Nº 6, 2017. Disponível em: <www.simonsen.br/revistasimonsen ISSN:2446-5941> Acesso em: 06 de fevereiro. 2021.

FEIJÓ, Mário. **Quadrinhos em ação: um século de história.** São Paulo: Moderna, 1997.

FERREIRA, Carolina Fernandes. **Redescobrimo ser si mesmo: A existencialidade de mulheres praticantes de Pole Dance.** Dissertação (Mestrado) – Psicologia, UFAM, Manaus, 80 f. 2015. Disponível em: <<http://tede.ufam.edu.br/handle/tede/4892>> Acesso em: 02 de Março. 2020.

FRANCHINI, B. S. **O que são as ondas do feminismo?.** Revista QG Feminista. 2017. Disponível em: <<https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismoeed092dae3a> > Acesso em: 11 de fevereiro. 2021.

GIL, Antonio. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4ª Edição. Editora Atlas, São Paulo, 2002.

GOMES, Ivan Lima. **Uma breve introdução à história das histórias em quadrinhos no Brasil.** Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. História Social, Rio de Janeiro, v. 20, n. 06, 2014. Disponível em:< <https://cutt.ly/Tvng2Ju>> Acesso em: 17 de abril. 2021.

GRICE, H.P. **Meaning.** Philosophical Review. V 66. p 377-388, 1957. Cornell University 2007. Disponível em <<http://semantics.uchicago.edu/kennedy/classes/f09/semprag1/grice57.pdf>> Acesso em: 03 de março. 2020.

HOLLAND, S. **Pole dancing, empowerment and embodiment.** 1 ed. Nova Iorque: Palgrave MacMillan, 2010.

LAKATOS, Eva; MARCONI, Marina. **Fundamentos da Metodologia Científica.** 5ª Edição. Editora Atlas, São Paulo, 2003.

LEAO, Julia Toribio. **Design Gráfico na Divulgação do Movimento Feminista.** Mestrado Design Gráfico e Projetos Editoriais, Universidade do Porto Belas Artes, Porto, 93 f. 2019. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/124864/2/371370.pdf>> Acesso em: 12 de fevereiro. 2021.

LEÃO, Luciana B. Carneiro. **Implicaturas e a violação das máximas conversacionais: uma análise do humor em tirinhas.** Estudos de linguagem, FAETEC, Florianópolis, v. 14, n.1, 21 f. 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n1p65>> Acesso em: 14 de março de 2021.

MARTINS, Ana Paula Antunes. **O Sujeito "nas ondas" do Feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade.** Revista Café com Sociologia, Universidade de Brasília, UnB, Brasília v. 4, n. 1, p. 231-245, 2015. Disponível em: <<http://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/443>> Acesso em: 12 de fevereiro. 2021.

MENEZES, Patrícia. **Por que o Pole dance empodera as mulheres e por que isso incomoda?.** Blog Vai Paraty, 2020. Disponível em: <<https://vaiparaty.com.br/por-que-o-pole-dance-empodera-as-mulheres-e-por-que-isso-incomoda/>> Acesso em: 28 de janeiro.2021.

NICOLAU, Marcos. **As tiras e outros gêneros jornalísticos: uma análise comparativa.** Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, p. 3110-3119. 2008. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Marcos%20Nicolau.pdf> Acesso em: 25 março. 2020.

NOROGRANDO, Rafaela. **Core e Design**. Universidade da Beira Interior – UBI, Covilhã, Caderno 1, 90 f. 2021. Acesso em: 16 de abril. 2021. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10400.6/11106>> Acesso em: 16 de abril. 2021

PATATI, C.; BRAGA, F. **Almanaque dos quadrinhos: 100 anos de uma mídia popular**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

PEREZ, Olívia; RICOLDI, Arlene. **A quarta onda feminista: Interseccional, digital e coletiva**. Congresso Latino-Americano de Ciência Política (ALACIP), vol. 10, 2019. Disponível em: < <https://alacip.org/cong19/25-perez-19.pdf>> Acesso em: 11 de fevereiro. 2021.

PIRES, Maria. **Outras mulheres, outras conduta: Feminismo e Humor Gráfico nos Quadrinhos Produzidos por Mulheres**. Art Cultura, v.21 n.39 p. 71-87, Uberlândia, 2019. Disponível em: < <https://doi.org/10.14393/artc-v21-n39-2019-52027>> Acesso em: 09 de março de 2021.

RAMOS, P.; CHINEN, N. **Os pioneiros no estudo de quadrinhos no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Criativo, 2013.

RIBEIRO, Diana; NOGUEIRA, Conceição; MAGALHÃES, Sara Isabel. **As ondas feministas: continuidade e descontinuidade no movimento feminista brasileiro**. Sul-Sul-Revista De Ciências Humanas E Sociais, v. 1, n. 03, p. 57-76, 2021. Disponível em: < <https://revistas.ufob.edu.br/index.php/revistasul-sul/article/view/780>> Acesso em: 10 de fevereiro. 2021.

ROCHA, João Carlos. **Cor luz, cor pigmento e os sistemas RGB e CMY**. Revista Belas Artes, v. 3, n. 2, p. 107-128, 2010.

SCOTT, McCloud. **Desenhando quadrinhos**. 1 ed. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2008.

SCOTT, McCloud. **Desvendando os quadrinhos**. 1 ed. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 1995.

SCOTT, Mccloud. **Reinventado os quadrinhos**. 1 ed. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2006.

SILVEIRA, Luciana Martha. **Introdução a teoria da cor**. Universidade Federal do Paraná, UTFPR, 2 ed. 171 f. Curitiba, 2015. Acesso em: 16 de abril. 2021. Disponível em: < <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/1582>>

XAVIER, Glayce. **Histórias em quadrinhos: Panorama histórico, características e verbo-visualidade**. Darandina Revista Eletrônica - v.10 – n. 2. 20 f. UFJF, Juiz de Fora, 2017. Disponível em: < <https://doi.org/10.34019/1983-8379.2017.v10.28128>> Acesso em: 05 março. 2020.

WOOD-BARCALOW, et al. **“But I like my body”: Positive body image characteristics and a holistic model for young-adult women**. Body image, v.7, 106-116. Elsevier, 2010. Disponível em: < <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2010.01.001>>. Acesso em: 20 janeiro. 2020.

WESCHENFELDER, G.; COLLIN, A. **Histórias em quadrinhos de super-heroínas: do movimento feminista às questões de gênero**. INTERthesis, Florianópolis v.8 n. 1 p. 200-218, 2011. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/download/1807-1384.2011v8n1p200/18432/63468>> Acesso em: 08 agosto. 2020.